

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de apresentação das insígnias das Ordens do Mérito da Defesa e das Forças Armadas

Na ocasião, a presidenta Dilma recebe com outras três medalhas: a Ordem do Mérito Militar, concedida pelo Exército Brasileiro; a Ordem do Mérito Naval, da Marinha; e a Ordem do Mérito Aeronáutico, da Força Aérea Brasileira

Palácio do Planalto, 05 de abril de 2011

Senhor Michel Temer, vice-presidente da República,

Senhor Nelson Jobim, ministro da Defesa,

Senhores ministros Antonio Palocci, da Casa Civil; José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional,

Almirante Luiz Umberto de Mendonça, comandante interino da Marinha,

General Enzo Martins Peri, comandante do Exército,

Brigadeiro Juniti Saito, comandante da Aeronáutica,

General José De Nardi, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas,

Senhores oficiais-generais,

Senhoras esposas dos senhores oficiais-generais,

Senhores familiares,

Senhoras e senhores,

Recebo com alegria as insígnias de grã-mestra das Ordens do Mérito [da Defesa, Naval,] Militar [e Aeronáutico], as mais altas condecorações concedidas pelo [Ministério da Defesa e Comandos da Marinha, do] Exército Brasileiro, [e da Força Aérea], pela primeira vez, agora, concedidas a uma mulher.

Aproveito também para exprimir a particular satisfação que tenho, na qualidade de comandante das Forças Armadas, de poder contar com a eficiente atuação do ministro da Defesa, Nelson Jobim, bem como com o valioso apoio dos comandantes da Marinha, almirante Moura Neto; do Exército, general Enzo Martins; da Aeronáutica, brigadeiro Juniti Saito; e do chefe [do Estado]-Maior Conjunto das Forças Armadas, general José Carlos De Nardi.

É nesse espírito de valorização do trabalho das Forças militares que cumprimento os novos oficiais-generais da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, bem como suas esposas aqui presentes.

A carreira militar em que cada um dos novos oficiais-generais soube se destacar é pautada pelos valores do profissionalismo e da incansável dedicação ao país.

A promoção com que foram distinguidos constitui a justa e merecida recompensa por sua competência e pela excelência de suas trajetórias profissionais.

Ao transmitir as minhas mais sinceras congratulações aos novos oficiais-generais, compartilho com os senhores e as senhoras uma breve reflexão sobre a importância do papel que as Forças Armadas desempenham no Brasil.

Os militares são representantes do poder do Estado que, nos termos da Constituição, em pacto indissolúvel com a sociedade, detêm os meios legítimos necessários à garantia da defesa nacional, dos poderes constitucionais e das nossas extensas fronteiras terrestres, marítimas e aéreas.

É com orgulho que constato, nesse sentido, a evolução democrática da sociedade brasileira.

Um país que conta, como o Brasil, com Forças Armadas caracterizadas por um estrito apego às suas obrigações constitucionais, é um país que corrigiu seus próprios caminhos e alcançou um elevado nível de maturidade institucional.

Nossas Forças Armadas compartilham plenamente os valores da justiça, da democracia, da paz e da igualdade de oportunidades que lastreiam os objetivos internos e externos do Brasil. Contribuem, dessa forma, para consolidar nosso país como um Estado democrático de direito por excelência.

Estejam seguros de que não me escapam outras características singulares da profissão das Armas. O patriotismo, o estoicismo, a abnegação, a disciplina, a hierarquia. Não me escapam as privações às quais muitos de vocês são submetidos no cumprimento do dever.

Estamos construindo uma nação mais fraterna, mais igualitária e mais próxima, que jamais prescindirá da importante contribuição dos homens e das mulheres militares.

A prioridade fundamental do meu governo é, como sabem, acabar com a pobreza extrema no Brasil. Nessa luta conto com as Forças Armadas. Sua larga experiência de trabalhos sociais, desenvolvida em todo o território nacional e alcançando as regiões mais longínquas e remotas, tem valor inestimável para chegarmos a esse objetivo primordial.

Por seu espírito cívico e sua excelente formação profissional, os soldados brasileiros vêm atuando da forma mais dedicada e eficiente para que o Brasil se transforme definitivamente em um país desenvolvido. Um Brasil plenamente desenvolvido precisará de Forças Armadas equipadas, treinadas, modernas, para o cumprimento de suas missões constitucionais.

Senhores oficiais-generais, senhoras e senhores,

Estou segura de que compartilham minha convicção de que não existe desenvolvimento econômico e social e política externa soberana sem uma política de defesa afirmativa.

Não tenhamos ilusões: se o Brasil se abre para o mundo, o mundo se volta para o Brasil. Essa dinâmica é portadora de esperança, mas também de novas e grandiosas responsabilidades, que as Forças Armadas saberão cumprir.

A história ensina que não se constrói um grande país sem que esse seja capaz de conciliar a defesa de seus interesses e a permanente construção da paz entre as nações, valor essencial que tem presidido nossa política externa com a ativa participação de nossas Forças Armadas, sobretudo em missões humanitárias de paz, e nós nos orgulhamos disso.

Tenho plena consciência de que, apesar dos significativos avanços registrados na área de defesa nos últimos anos – em especial a partir da publicação da Estratégia Nacional de Defesa, em 2008, e da Lei Complementar de 10/2010 – muito ainda precisa... muito ainda deve e precisa ser feito.

Considero imprescindível diminuir nossas vulnerabilidades na área de defesa, consolidar uma indústria nacional de defesa dinâmica, modernizar os meios operativos, integrar as três Forças Armadas e adensar a capacidade institucional do Ministério da Defesa.

Senhores oficiais-generais,

As riquezas do pré-sal, descobertas nas profundezas do Atlântico, impõem um novo estágio para as forças de defesa. A garantia efetiva da soberania nacional, pela proteção das nossas fronteiras, tanto no oceano como também na Amazônia, se transformaram na prioridade da nossa estratégia de defesa, a fim de assegurar às gerações futuras de brasileiras e de brasileiros a garantia de um verdadeiro passaporte para o futuro, que se constitui necessariamente quando se trata da exploração das riquezas do pré-sal.

Sabemos que o nosso país também é um país vocacionado para a paz; tem um compromisso histórico com a paz, com a democracia e com o diálogo.

Temos orgulho de viver em paz com os nossos dez vizinhos há mais de um século, fruto de uma relação harmoniosa que pretendemos aprofundar no nosso governo. Sabemos, no entanto, que apenas através de uma força de dissuasão convincente teremos a segurança da manutenção desta paz.

Sabemos também que o papel que o Brasil assumiu irá nos exigir um novo protagonismo. A missão de paz no Haiti, liderada com tanta honra e humanidade pelas nossas Forças Armadas são um exemplo destacado das responsabilidades brasileiras na ordem global. E, aqui, eu não posso deixar de homenagear todos os brasileiros que tombaram durante essa missão de paz.

Senhores oficiais-generais, senhoras esposas, senhores familiares,

Conheço plenamente as linhas essenciais do plano diretor elaborado pelo ministro Nelson Jobim. Em um país ainda socialmente desigual como o Brasil, poderia parecer tentadora a noção de que a modernização e o dimensionamento das Forças Armadas constituiriam esforço ocioso, prejudicial ao investimento em outros setores prioritários. Isso é um grande engano. O certo é que a defesa não pode ser considerada elemento menor da agenda nacional.

É importante também que o conjunto dos brasileiros compreenda a importância de seu engajamento nos assuntos relacionados à defesa. A sociedade civil precisa compreender que os temas de defesa não são exclusividade dos militares. Uma boa oportunidade para o envolvimento civil nessa seara são as discussões em torno do Livro Branco de Defesa Nacional. Atualmente em elaboração, o Livro permitirá que a sociedade civil aprofunde seus conhecimentos sobre os temas militares e também servirá para ampliar o conhecimento do próprio estamento militar sobre si mesmo.

Tenham a certeza, senhores oficiais-generais, de que encontrarão em mim uma liderança aberta ao diálogo, disposta a agregar em torno de si todas as forças vivas da nação desejosas de contribuir para a afirmação do grande destino que estamos construindo. Conto com a dedicação do Exército, da Marinha e da Aeronáutica para somar forças no objetivo comum de construir um país desenvolvido, do qual consigamos erradicar totalmente a miséria.

Reitero meus cumprimentos a cada um dos novos oficiais-generais, suas esposas e familiares, e desejo-lhes todo o sucesso nas importantes missões e responsabilidades que assumem a partir de agora.

Parabéns e muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encontro com mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

O evento aconteceu no Salão Nobre do Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 07 de abril de 2011

Eu queria cumprimentar aqui as mulheres atingidas por barragem, em primeiro lugar,

Depois, eu queria cumprimentar as crianças que estão aqui porque as crianças também fazem parte desta manifestação, a cada uma e a cada um dos menininhos e das meninas aqui presentes,

Querida também cumprimentar a Tereza Campello, nossa ministra do Desenvolvimento Social, e é importante que seja uma mulher ministra do Desenvolvimento Social na medida em que o nosso compromisso maior nesse processo do terceiro governo, que eu tenho a honra de representar, é a superação da pobreza em nosso país,

Então, eu cumprimento também o nosso companheiro Afonso Florence, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, que é outro braço que nós temos também para fazer o combate e a superação da pobreza extrema em nosso país.

Cumprimento agora o coordenador do governo no que se refere a todos os movimentos sociais, meu querido Gilberto Carvalho. O ministro Gilberto, como vocês sabem, ele é responsável por essa prática que nós temos que é a relação com os movimentos sociais, com as reivindicações diferenciadas da sociedade. E o fato dessa prática de diálogo que o Gilberto vai inaugurar com vocês, dando continuidade ao que nós fizemos no período anterior do governo do ex-presidente Lula, essa pauta, ela é muito importante porque faz parte de uma questão que é muito cara ao governo, que é essa permanente conversa, esse permanente diálogo. Nós achamos que o governo é governo e movimento social é movimento social, mas somos contra aqueles que consideram que um governo pode ficar surdo em relação às reivindicações.

Dentro da nossa política de fazer com que o nosso país cresça, mas não cresça só para alguns poucos, que cresça para todos, o Movimento dos Atingidos por Barragens, para nós, é um interlocutor. Agora, além do Movimento ser, é importante que sejam mulheres organizadas. Por que é importante que sejam mulheres organizadas? Porque, de uma forma ou de outra, dentro do Movimento as mulheres são aquelas pessoas que estão mais perto dos grandes problemas do nosso país.

E aí eu queria explicar por que eu cumprimentei as crianças. Porque o nosso país só vai ter futuro se as nossas crianças tiverem futuro. Então, as nossas crianças, dentro do quadro de reivindicações de vocês, eu tenho certeza de que um dos elementos essenciais são reivindicações relativas às crianças, tanto no que se refere a toda

uma política de creches, como a toda a política de Educação que deve ser levada às zonas rurais.

Queria cumprimentar também a Márcia Camargo, representando aqui o Ministério de Minas e Energia. Nós somos um país que tem na energia hidrelétrica uma das suas riquezas. Agora, é também certo que não pode existir uma contradição entre o uso da energia hidrelétrica e o interesse das populações, tanto do ponto de vista social das condições de trabalho, mas, sobretudo, também das condições ambientais. Por isso, eu cumprimento também a Márcia Camargo, porque ela sempre esteve na liderança do processo de discussão com os movimentos sociais, a respeito dessas questões.

Queria cumprimentar os senhores parlamentares e as senhoras parlamentares aqui presentes, que sempre participaram desta luta.

E dizer para vocês que hoje é um dia muito triste para nós. É um dia triste para todos os brasileiros e brasileiras. Este é um país que sempre teve uma relação de grande carinho cultural pelas crianças. São inadmissíveis violências em geral, mas a violência contra a criança é algo que coloca todos nós brasileiros e brasileiras em uma situação de grande repúdio e em uma situação de grande sentimento. São essa duas sensações, o repúdio e a tristeza, que fizeram com que nós abrissemos essa conversa com vocês pedindo um minuto de silêncio pela morte das crianças na escola, lá no Rio de Janeiro, na escola de Realengo.

E eu tenho certeza que, apesar dessa tristeza, nós, hoje, aqui, podemos também ter um momento de alegria, porque acho que um país que tem uma democracia como a nossa... só pode ter uma democracia completa quando tiver uma relação correta com os movimentos sociais, escutando os movimentos, compreendendo as suas reivindicações e tomando providências. Eu quero dizer para vocês que todo ministério do meu governo vai estar atento às reivindicações de vocês. Não vou fazer a demagogia fácil de dizer que atenderemos tudo, mas vou fazer a promessa e o compromisso de que escutarei todas, e farei todo o possível para aproximar o atendimento dos 100%. Isso não significa a promessa fácil de que nós vamos resolver tudo, mas significa a certeza, para vocês, de que nós iremos nos empenhar para encarar as grandes demandas que emergem desse movimento, e, mais do que nunca, vamos estar aqui abertos a ter uma prática sistemática de diálogo, de conversa e atendimento de reivindicações.

Eu queria dizer que, de fato, água é vida; energia também é o princípio da vida. Mas que, de fato, aqui, quem gera a vida são as nossas mulheres. Por isso, eu cumprimento a cada uma, e digo que vocês terão aqui um governo aberto ao interesse de vocês.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia comemorativa de 1 milhão de empreendedores inscritos no Programa Microempreendedor Individual: Formalização e Proteção Social

Criado por meio da Lei Complementar 128/2008, o Programa Empreendedor Individual foi lançado em 1º julho de 2009. No dia 17 de março de 2011 ultrapassou a marca de 1 milhão de novos empreendedores individuais, quando a Receita Federal do Brasil registrou 1.004.764 adesões. A meta é chegar à marca de 1 milhão e 500 mil empreendedores até o final de 2011

Brasília-DF, 07 de abril de 2011

Senhor senador José Sarney, presidente do Senado,

Uma saudação especial aos empreendedores que aqui representam os mais de um milhão de inscritos no Programa Empreendedor Individual,

Saúdo o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz,

Os ministros de Estado, Antonio Palocci, da Casa Civil; Guido Mantega, da Fazenda; Garibaldi Alves, da Previdência Social; Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; general Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; Luiz Sérgio, da Secretaria de Relações Institucionais; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social,

Senador Romero Jucá, líder do governo no Senado, em nome de quem cumprimento os demais senadores aqui presentes,

Deputado Pepe Vargas, presidente da Frente Parlamentar Mista da Micro e Pequena Empresa, em nome de quem cumprimento os demais deputados federais,

Senhor Guilherme Afif Domingos, vice-governador de São Paulo,

Senhor Luiz Eduardo Barretto, diretor-presidente do Sebrae,

Senhores prefeitos,

Senhores representantes de entidades de classe,

Senhoras e senhores da imprensa,

Senhoras e senhores aqui presentes,

Hoje deveria ser um dia de muita festa porque estamos comemorando um milhão de empreendedores individuais atingidos por este programa que é, sem sombra de dúvida, um programa que leva ao desenvolvimento, leva à independência, à

autonomia das pessoas e, sobretudo, transforma o Brasil numa teia de relações entre pequenos empreendedores e empreendedores individuais que são capazes de, com seu trabalho, conquistar sua autonomia, mas também obter os seus direitos no que se refere à aposentadoria, por exemplo.

Seria um dia em que nós estaríamos comemorando também o fato de que foi possível a redução do tributo... da alíquota de Imposto de Renda de 11[%] para 5%. Seria também um dia em que nós teríamos orgulho de o país estar avançando também no sentido da formalização das atividades, tirando de uma situação de indefinição legal milhões de brasileiros. Seria um dia também em que a gente olharia isso como muito importante para o equilíbrio da Previdência.

Eu não vou fazer um discurso porque hoje nós também temos o que lamentar, que é o fato do que aconteceu em Realengo com crianças indefesas. Não era e... não era característica do país ocorrer esse tipo de crime. Por isso, eu considero que todos aqui, todos nós, homens e mulheres aqui presentes, estamos unidos no repúdio àquele ato de violência, no repúdio a esse tipo de violência, sobretudo com crianças indefesas.

Por isso, eu encerro o meu pronunciamento cumprimentando os empreendedores individuais, mas, sobretudo, homenageando crianças inocentes que perderam a vida e o futuro neste dia, lá em Realengo, e proponho um minuto de silêncio para que nós mostremos o nosso... a nossa homenagem a esses brasileirinhos que foram retirados tão cedo da vida.

Está encerrada a sessão.

Discurso do Presidente da República em exercício, Michel Temer, na abertura do Seminário Internacional sobre “Gestão Integrada de Riscos e Desastres – Uma nova perspectiva para a Defesa Civil Nacional”

Brasília-DF, 11 de abril de 2011

Prezado amigo Fernando Bezerra Coelho, ministro da Integração Nacional,

Prezado amigo Garibaldi Alves Filho, da Previdência Social,

Prezado amigo Luiz Antonio Rodrigues Elias, ministro interino da Ciência e Tecnologia,

Prezada amiga Izabella Teixeira, ministra do Meio Ambiente,

Prezada amiga Maria do Rosário, ministra da Secretaria de Direitos Humanos,

Eminente senador Jorge Viana, querido amigo,

Querida amiga Perpétua Almeida, deputada federal,

Senhor Boris Enrique Utria, diretor-adjunto do Banco Mundial no Brasil,

Senhor Vicente Andreu, presidente da Agência Nacional de Águas,

Senhor Humberto Viana, secretário nacional de Defesa Civil,

Senhoras e senhores jornalistas,

Senhoras e senhores,

Eu quero começar dizendo, prezado amigo Fernando Coelho, que na verdade, a minha presença aqui como presidente interino da República atende não só ao meu desejo de revelar o empenho de todo o governo federal nessa matéria, mas especialmente, também, uma recomendação que me fez a eminente presidente Dilma Rousseff, quando ao partir me disse: “Olhe, Temer, se você puder, vá ao evento patrocinado pelo Ministério da Integração Nacional e pela Secretaria de Defesa Civil.” Com isso, eu quero significar que embora ausente fisicamente neste momento a nossa presidenta Dilma Rousseff, ela está presente em todos os instantes em que essas calamidades tomaram conta do nosso país, no início deste ano.

Quero também dizer ao ministro Fernando Bezerra Coelho que teve uma atuação extraordinária nesse início do seu mandato. Eu diria que ele foi logo atingido - digamos assim - assim que assumiu, pelos desastres naturais que ocorreram no nosso país. Estou vendo a ministra Izabella e o ministro Garibaldi Alves acenando positivamente. Mas teve pronta e imediata ação, seguindo, naturalmente, o exemplo da presidente Dilma, que logo no primeiro instante em que se deu a tragédia natural

lá na região serrana do Rio de Janeiro, ela não teve dúvida de ir lá imediatamente para revelar, com a sua presença, que o governo federal não abandonaria aquele estado. Como não abandonou outros estados da Federação, em que tragédias naturais, desastres naturais também vieram a ocorrer.

Mas eu confesso, Fernando, que se eu tivesse que sintetizar esta solenidade – e eu vejo que será um seminário, em que há representantes da Defesa Civil dos vários estados, municípios, da União Federal, e outras tantas autoridades – eu diria que esta solenidade tem um pouco, se eu quisesse sintetizá-la, eu diria que a palavra é “solidariedade”. Solidariedade, em primeiro lugar, entre as entidades da Federação brasileira, porque bem disse você no seu pronunciamento, não há condições de apenas uma das figuras jurídico-políticas da nossa Federação cuidar desse assunto. Esse assunto há de ser um assunto integrado, solidário, entre União, estados e municípios. E é o que eu vejo, pela presença física daqueles representantes que aqui se acham.

De outro lado, não há instante maior para a solidariedade, também de natureza privada, a solidariedade humana, do que os instantes dos desastres naturais. Seja no Brasil, seja em outras partes do mundo, verifica-se sempre uma mobilização intensa das pessoas, que colocam para fora os seus melhores sentimentos quando contribuem com mantimentos, com remédios, com dinheiro muitas vezes, para acudir aqueles que são vítimas desses desastres naturais.

Por isso, ministro Fernando, eu acredito na eficiência e nos bons resultados deste seminário. Até porque o governo se apercebeu, desde logo, que duas vertentes se davam, no tocante a esses desastres naturais. De um lado, na verdade, o que nós poderíamos chamar de atividade imediatamente auxiliadora ou repressiva, porque você demonstrou no seu discurso que a União Federal já destinou uma soma enorme de recursos para acudir a esses desastres naturais. Portanto, uma atividade imediata, de natureza executiva. Mas também há a atividade de natureza preventiva. E atividade preventiva tanto no plano da execução – porque, vejam, quantas medidas; o ministro Fernando Coelho, aqui, apontou, o Executivo está tomando providências - mas também providências no campo legislativo. Não foi sem razão que o ministro Fernando Coelho referiu-se ao meu modesto trabalho, designado que fui pela presidente Dilma Rousseff para coordenar um grupo que, no plano legislativo, pudesse estabelecer também medidas de natureza preventiva. E essa matéria, ministra Izabella - ou por meio de projeto de lei, ou por meio de medida provisória, não sabemos ainda - nós fizemos reuniões dos vários Ministérios, que discutiram longamente essa matéria e hoje, até, está aqui na Integração Nacional para os últimos retoques. E muito brevemente nós teremos também uma... porque aqui eu faço um parênteses: muitas e muitas vezes esses desastres naturais ocorrem e nós só nos apercebemos deles quando eles ocorrem, e não nos prevenimos para o futuro.

A intenção da presidente Dilma foi exatamente estabelecer uma prevenção também no campo legislativo. São medidas, senhor representante do Banco Mundial, que visam, sob o foco legislativo, a impedir que os desastres naturais atinjam pessoas que, muitas vezes, ocupam – convenhamos, até irregularmente – terras ou lotes junto a encostas, junto a montanhas, e que essa irregularidade, às vezes não exatamente fiscalizada, gera os acidentes mortais. Aí é que está a gravidade,

porque o acidente material, da destruição da casa ou qualquer coisa, sempre é desagradável. Mas nós temos visto mortes imensas, mortes enormes, um número infindável de mortes por causa desses desastres naturais, e muitas vezes da incúria com que, muitas vezes, as autoridades agem, no tocante à prevenção, ao impedimento das construções em certos locais que, basicamente, são proibidos.

Então, essas medidas legislativas, ao lado das medidas executivas que estão sendo tomadas pelo Ministério da Integração Nacional, pelo Ministério do Meio Ambiente, certa e seguramente pelo setor da Previdência Social e outros tantos setores aqui representados, senador Jorge Viana, elas se destinam exatamente a revelar o interesse do governo em impedir que no futuro os desastres tenham a dimensão que adquiriram no presente.

Por isso, ministro Fernando Coelho, eu quero mais uma vez cumprimentá-lo pela oportunidade deste seminário, porque vejo pelas presenças que aqui se acham, vejo pelas palestras que aqui se darão, que certa e seguramente daqui sairão recomendações muito úteis para o governo federal.

Sucesso, portanto, no seminário que os senhores farão.

Discurso do Presidente da República em exercício, Michel Temer, durante cerimônia de abertura da 8ª edição da LAAD Defence e Security

O Presidente em exercício comenta sobre a Defesa do Brasil

Rio de Janeiro-RJ, 12 de abril de 2011

Prezado governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Prezado deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,

Ministro, amigo Nelson Jobim, da Defesa; general José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; ministro Moreira Franco, da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

Vice-governador Pezão, do estado do Rio de Janeiro,

Almirante Júlio Soares de Moura Neto, comandante da Marinha,

General Enzo Martins Peri, comandante do Exército,

Brigadeiro Juniti Saito, comandante da Aeronáutica,

General José Carlos De Nardi, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas,

Senador e ex-presidente Fernando Collor, presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado, por meio, também, de quem aproveito para cumprimentar todos os senhores senadores presentes,

Deputado Carlos Alberto Leréia, presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, por meio de quem também cumprimento os eminentes colegas deputados federais que aqui se acham,

Senhores embaixadores,

Senhores ministros da Defesa e chefes de delegações estrangeiras,

Senhor Sérgio Jardim, diretor-geral da Clarion Events do Brasil,

Senhoras e senhores, especialmente autoridades estrangeiras que vieram prestigiar este extraordinário encontro que, como bem registrado pelo governador Sérgio Cabral, num período de apenas dois anos dobrou o número de expositores, a revelar, portanto, a importância do tema da Defesa, não apenas para o nosso país – para o Brasil –, mas o tema da Defesa para todos os países da América do Sul, da África, da Ásia, como revelou aqui o eminente ministro Nelson Jobim.

E até devo registrar que Sua Excelência, o ministro Nelson Jobim, é o responsável, penso eu... Eu não tenho cansado de dizer, ministro Jobim, que Vossa Excelência organizou, em definitivo, o sistema de defesa do nosso país, o Ministério da Defesa, que se iniciou lá atrás, com figuras exponenciais da política brasileira, mas ganhou dimensão, ganhou tamanho, ganhou medida elevada no instante em que Vossa Excelência assumiu o Ministério da Defesa. Hoje todos têm muito presente a importância da Defesa porque Vossa Excelência organizou o Ministério da Defesa no nosso país e, de igual maneira, com esta feira, naturalmente continua no traçado que é o de organizar a Defesa como um todo no nosso país.

Devo até registrar que a presidente Dilma Rousseff muitíssimo apreciaria estar neste evento, que tem grande significação até, reitero, pela presença das autoridades estrangeiras que aqui se acham. Mas ela foi à China para cumprir uma tarefa também relevantíssima para o Brasil, num instante em que o Brasil ganha uma dimensão internacional jamais vista.

Hoje o Brasil é olhado por todos os países estrangeiros com grande respeito, com grande interesse nas nossas questões internas, na nossa produção. Portanto, em nome da presidente Dilma, que – no momento em que dela fui me despedir no aeroporto – pediu-me que transmitisse esta mensagem, cumprimentos ao ministro Jobim, aos comandantes das Forças Armadas e a todos aqueles que aqui estivessem.

E eu quero registrar, nessas brevíssimas palavras, que é interessante, embora aqui se esteja tratando de aparelhagem, armamento bélico, etc, mas é interessante como isso colabora para a paz. Em primeiro lugar porque, na verdade, ela faz uma integração, não só do setor público como com o setor privado, como faz a integração dos vários países interessados nessa matéria.

E, ao fazer essa integração de que resultarão – verifiquei pelas palavras ditas anteriormente – as mais variadas transações, negócios, compra de materiais com os vários países, ela, na verdade, funciona... na medida em que a Defesa dos países, especialmente do Brasil, está bem aparelhada, ela funciona como elemento suasório para qualquer espécie de... dissuasório, não é, de qualquer espécie de conflito que venha ou que se pense em estabelecer-se no mundo.

E como lembra, muito adequadamente, o ministro Nelson Jobim – jurista que é –, a questão do fortalecimento da Defesa em toda a América do Sul é até um preceito constitucional, porque o Brasil, quando produziu a sua Constituição, em 5 de outubro de [19]88, estabeleceu num dos seus dispositivos a necessidade da integração dos países latino-americanos. De modo que isso faz nascer a ideia de que aqui também, na América do Sul, deve se fazer um centro único de atuação em vários setores, mas, em particular, na Defesa.

Mas eu vejo que aqui, mais do que isso, se estabelece uma integração de vários países. Fiquei impressionado, ministro Jobim, quando verifiquei o número de autoridades estrangeiras que aqui se encontram, a revelar mais uma vez a grandeza do nosso país e o respeito que o nosso país ganha nos foros internacionais.

Portanto, ao saudar a todos, desejar que esta LAAD tenha um sucesso ainda maior do que as anteriores – e esse sucesso já se antevê pelo número de expositores –, eu espero que isto sirva também para contribuir para o inter-relacionamento de todos esse países.

De modo que antes de concluir, saudando a todos, eu quero apenas lembrar que há pouco alguém da Mesa me dizia que nós todos deveríamos nos levantar para cantar o “Parabéns a você” ao Nelson Jobim, ao ministro Nelson Jobim, mas o que eu não vou fazer. Na verdade, não quero fazer. Bastam as palmas, e que as palmas que agora vierem quando encerro o meu brevíssimo pronunciamento e a minha brevíssima saudação, sejam mais uma vez homenagem a estes ilustres aniversariantes.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República em exercício, Michel Temer, durante cerimônia de promoção dos policiais militares que atuaram na tragédia da escola de Realengo

Presidente em exercício agradeceu pelo ato de heroísmo dos policiais

Rio de Janeiro-RJ, 12 de abril de 2011

Senhor... Prezado amigo Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Prezado ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Elito,

Prezado vice-governador do estado do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão,

Deputado Paulo Melo, presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro,

Prezado Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Prezado José Mariano Beltrame, secretário de estado da Segurança,

Prezado Regis Fichtner, secretário de estado da Casa Civil,

Coronel Mário Sérgio, comandante da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro,

Meus caros Denilson Francisco de Paula, Ednei Feliciano da Silva e Márcio Alexandre Alves,

Senhoras e senhores familiares,

Senhores da imprensa,

Eu quero iniciar a minha fala, governador Sérgio Cabral, registrando a todos que o governador Sérgio Cabral, o prefeito Eduardo Paes e o secretário Beltrame deferiram-me a honra de falar em meu nome e em nome de todos eles.

Quero também registrar que eu trago uma mensagem da presidenta Dilma Rousseff. Quando ela embarcou para a China, na sexta-feira, Governador, ela me pediu que eu viesse a um ato que fosse promovido aqui no Rio de Janeiro, lembrando o tristíssimo episódio da escola municipal do Realengo, e eu estou, precisamente, cumprindo essa tarefa.

Evidentemente, como todos os cariocas, como todos os brasileiros, com dor no coração, que foi um momento que abalou não só a cidade do Rio de Janeiro, o prefeito Eduardo Paes, mas abalou a consciência de todos os brasileiros, numa constatação curiosa. Quando se fala em violência, no nosso país, quando se fala na criminalidade, sempre se imagina o combate à criminalidade, digamos assim, mais

rotineira, que é o assalto à mão armada, o latrocínio, o homicídio, não é? Coisas dessa natureza.

Mas esse fato que ocorreu no Realengo revela uma outra espécie de violência. Ele traz à luz uma violência mais ou menos oculta, embora apareça sempre, mas oculta nas nossas mentalidades, que é a violência de pessoas que, de repente, se desajustam e cometem desatinos. E, fora à parte, uma violência que a todo momento a imprensa brasileira noticia – a violência da filha ou do filho que assassina o pai, assassina a mãe, assassina o avô, não é, assassina a avó; de irmãos que litigam e brigam e se desentendem entre si –, uma violência que cresce de uma maneira assustadora.

Eu registro esse fato porque, na verdade, como bem revelou na sua fala o comandante Mário Sérgio... na verdade, como revelou o comandante Mário Sérgio, esse foi um ato tresloucado de alguém que, digamos, teve a sua mente envenenada pelos conceitos, os mais equivocados, e cometeu, repito, o desatino. Porque, no tópico específico da segurança pública, eu só posso cumprimentar o estado do Rio de Janeiro, o governador Sérgio Cabral em conexão com o prefeito Eduardo Paes, com o vice Pezão, com o extraordinário secretário José Mariano Beltrame, que, pelas últimas providências tomadas em relação ao tráfico de drogas, em relação à criminalidade mais, digamos assim, mais conhecida, foi capaz de retirar o Rio de Janeiro do noticiário policial.

Eu reconheço, e quero aqui aplaudir esse fato que, desde o episódio de uma ação muito bem articulada em relação a essa criminalidade que parecia, digamos assim, não banível do sistema de segurança aqui do Rio de Janeiro, Sua Excelência, o governador Sérgio Cabral, conseguiu esse feito extraordinário e o fez, certa e seguramente, porque tem ao seu lado uma Polícia Militar organizadíssima. Uma Polícia Militar que honra os seus 200 anos de existência, ao lado da Polícia Civil, que também exerce um papel preponderante na investigação, na apuração dos delitos, aqui no Rio de Janeiro.

Mas isso é fruto, secretário Beltrame, eu falo isso com relativa autoridade porque tive a honra de ser Secretário da Segurança Pública em São Paulo, em duas ocasiões. Então, eu sei como é essa integração da Polícia Militar e da Polícia Civil, que depende muito do governo. O governo é que tem que ter inauguralmente, preambularmente, essa capacidade extraordinária de reunificar os esforços da Polícia Militar e da Polícia Civil.

Mas, no particular, governador Sérgio Cabral, já que se trata de homenagem ao Denilson, ao Edinei, ao Márcio, como símbolos dessa atuação da Polícia Militar, eu verifico que, de fora a parte a coragem, eles têm o senso da oportunidade. Têm a tranquilidade para agir, como ocorreu nesse lamentável episódio. Foi essa tranquilidade que permitiu uma tragédia muito maior. Portanto, a somatória da tranquilidade com a coragem, que fez com que o governo do estado, imediatamente, reconhecesse essa sua atuação e os condecora neste momento, promove em um gesto justíssimo de quem enaltece a sua administração.

Portanto, ao trazer estas palavras, senhor Governador, senhor Prefeito, senhor Presidente da Assembleia Legislativa, senhor Secretário, senhor Comandante-Geral,

senhor general Elito, eu quero dizer que o governo federal está solidário com esses instantes. Não foram poucas as vezes em que o governo, ao lado das UPPs e outras tantas atividades muito bem conduzidas por Vossa Excelência e pelo seu governo, teve o apoio do governo federal. A presidente Dilma Rousseff continua na mesma linha, na mesma trilha, no mesmo traçado.

De modo que nós queremos, em primeiro lugar, lamentar o ocorrido, deixar a nossa tristeza pelo ocorrido. Mas, ao mesmo tempo, nos regozijarmos pelo reconhecimento que se faz a estes três promovidos. Como o comandante Mário Sérgio lembrou o Alcorão, eu quero lembrar, muito rapidamente, uma passagem do Evangelho, e, em palavras, talvez não semelhantes, iguais, mas diz mais ou menos o seguinte: “Está alguém entre vós tristonho, triste, orai. Está alguém entre vós alegre, cantai louvores”.

Eu quero, governador Sérgio Cabral, aproveitar os dois preceitos desse Evangelho: de um lado, orar, porque estamos todos tristes com esse acontecimento. Mas, por outro lado, cantar louvores pelo sucesso que a Polícia Militar e que os três condecorados, os três promovidos, tiveram no dia de hoje.

Meus parabéns ao governo do estado e minha tristeza às famílias enlutadas da escola municipal do Realengo.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-China: Para Além da Complementaridade

Presidenta fala sobre parceria comercial Brasil-China

Pequim-China, 12 de abril de 2011

Boa tarde a todos,

Queria cumprimentar o senhor Wang Qishan, vice-primeiro-ministro da República Popular da China,

Queria cumprimentar os ministros que me acompanham nesta visita à República Popular da China: ministro Antonio Patriota, das Relações Exteriores; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio [Exterior]; Wagner Rossi, da Agricultura [Pecuária e Abastecimento]; Edison Lobão, de Minas e Energia; Aloizio Mercadante, da Ciência e Tecnologia,

Queria cumprimentar o governador Jaques Wagner,

O embaixador do Brasil em Pequim, Clodoaldo Hugueneq,

O senhor Li Jinzhang, vice-ministro das Relações Exteriores da China,

Queria cumprimentar também o embaixador da China no Brasil, o senhor Qiu Xiaoqi,

O professor Marco Aurélio, assessor especial da Presidência da República,

Queria cumprimentar o senhor Chen Yuan, presidente do Conselho do Banco de Desenvolvimento da China,

O professor Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

O senhor José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Dirigir uma saudação especial ao presidente da Confederação Nacional da Indústria no Brasil, senhor Robson de Andrade, em nome de quem cumprimento a missão empresarial brasileira,

Queria cumprimentar cada um dos empresários chineses,

Senhoras e senhores,

Senhores jornalistas, cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Eu quero, inicialmente, saudar as autoridades governamentais chinesas, as autoridades governamentais brasileiras, os empresários, acadêmicos, jornalistas, e todos aqueles que trabalham pelo estreitamento das nossas relações.

Eu vim a Beijing acompanhada de trezentos empresários brasileiros. Sei que a construção da confiança mútua entre o Brasil e a China depende da intensificação do diálogo, e dialogar é o que se fez neste Seminário.

Esta comitiva reflete a vontade do governo e da sociedade do meu país na ampliação das relações econômicas e comerciais com a China. Desde que a China e o Brasil lançaram a sua parceira estratégica, em [19]93, viemos construindo uma sólida relação baseada na amizade, na aproximação contínua entre nossos povos e líderes e na construção de parcerias em áreas de interesse comum, como cooperação espacial, energia e aviação civil.

Nossa corrente de comércio tem apresentado excepcional crescimento, passando de US\$ 3,2 bilhões em 2001, para US\$ 56,3 bilhões em 2010. Nossas trocas continuaram crescendo, mesmo durante a crise, a despeito da recessão que se abateu sobre o mundo. Isso fez da China, em 2009 e 2010, o primeiro parceiro comercial do Brasil no mundo e o principal destino das nossas exportações.

Em 2010, a China tornou-se nossa maior fonte de investimento direto estrangeiro. Durante a Exposição Xangai, em 2010, o pavilhão brasileiro recebeu mais de 2 milhões de visitantes. No passado, os fluxos internacionais de comércio e investimentos estruturavam-se em torno do eixo Norte-Sul. No presente, fica evidente que as relações Sul-Sul são igualmente produtivas e vantajosas.

Precisamos ir além da complementaridade de nossas economias, apesar da complementaridade ser importante. E precisamos ir além dessa complementaridade para favorecer uma relação mais dinâmica, mais diversificada e mais equilibrada.

A transformação da pauta em direção a produtos mais intensivos em tecnologia é o grande desafio da economia brasileira nos próximos anos e um dos pilares para o crescimento sustentado do nosso comércio exterior.

As exportações brasileiras para a China ainda estão excessivamente concentradas em produtos como soja, minério de ferro, petróleo e celulose. Isso é bom, mas não é o bastante. São todos produtos importantes, cuja exportação queremos incrementar, agregando a eles valor. É necessário, no entanto, diversificá-los para que a expansão do comércio bilateral seja sustentável.

A diversificação também envolve presença de produtos de maior valor agregado. É o caso dos aviões da Embraer, um dos principais produtos de exportação para a China e para o mundo. É o caso também da nossa indústria automotiva, atualmente a 6ª maior do mundo.

Senhoras e senhores,

Queremos dar um salto de qualidade nas nossas relações. Além de parceiros comerciais, queremos também ser parceiros na criação de oportunidades de investimento em negócios, nos serviços e na inovação. A chave dessa parceria é a reciprocidade no tratamento dos investimentos de lado a lado, em todas as áreas. Investimentos em infraestrutura e logística são essenciais para aumentar a competitividade e produtividade da indústria brasileira. Nós fizemos, nós estamos fazendo e nós continuaremos fazendo esses investimentos tão necessários.

A participação chinesa na construção do Gasoduto de Integração Sudeste-Nordeste, o Gasene, com mais de mil quilômetros, é um exemplo do que podemos fazer juntos.

A integração logística sul-americana, por exemplo, oferece inúmeras oportunidades para novas parcerias, especialmente no momento em que o Brasil coordena o Conselho Ministerial de Infraestrutura e Planejamento da Unasul. A ligação entre o Atlântico e o Pacífico é estratégica para aproximar ainda mais as economias de duas das mais dinâmicas regiões do planeta: a Ásia e a América do Sul.

A experiência chinesa com a realização dos Jogos Olímpicos de 2008 será de grande utilidade para o Brasil, sede da Copa de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Temos de aumentar o turismo, multiplicar as conexões aéreas e explorar as possibilidades abertas pelo acordo que assinaremos, de cooperação em megaeventos esportivos.

Queremos ver firmas chinesas na competição pela ligação com trens de alta velocidade entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas.

Inúmeras possibilidades também se abrem para parcerias sino-brasileiras em alta tecnologia, siderurgia, eletroeletrônicos, complexo agrícola, complexo mineral, biocombustível e geração e transmissão de energia elétrica, por exemplo.

Esperamos inaugurar um novo ciclo de investimentos na área industrial, com a ampliação e a diversificação das atividades de empresas na área de tecnologia da informação, no setor de equipamentos para construção e no próprio setor automobilístico.

Mas esses investimentos no setor produtivo têm de constituir-se em efetiva parceria, com transferência de tecnologia que permita realizarmos um verdadeiro processo de integração sino-brasileiro.

O desenvolvimento socioeconômico e tecnológico está diretamente relacionado a uma política efetiva de formação e capacitação profissional em que a cooperação entre os nossos povos passa a ser cada vez mais estratégica. Nossos estudantes têm de transitar entre o Brasil e a China para que também nós possamos criar uma base muito forte de diálogo e de formação e trabalho científico.

Senhoras e senhores,

Para nós, crescimento econômico só faz sentido se for acompanhado de justiça social. Esse foi o grande esforço realizado pelo Brasil nos últimos anos.

A República Popular da China tem buscado também esse objetivo. O 12º Plano Quinquenal atribui prioridade à meta do desenvolvimento com harmonia e inclusão social.

O Brasil hoje tem um dos maiores programas de inclusão social do mundo. Alcançou resultados muito positivos na implementação de suas políticas sociais, com significativa redução da pobreza, fortalecimento de um mercado de bens de consumo de massa.

Nosso diálogo nessa área pode ser benéfico para os dois lados. No momento em que o Planeta enfrenta desafios sem precedentes, estamos unindo forças e projetando visões alternativas. Na ONU, na OMC, no G-20, no BRICs, no Basic, ajudamos, Brasil e China, a construir uma nova ordem internacional. Participamos também, de forma muito cooperativa, das Conferências do Clima. Destaco, especificamente, em Copenhague, quando Brasil e China tomaram medidas bastante avançadas no sentido da redução dos gases de efeito estufa.

Estou segura de que a China e o Brasil seguirão compartilhando do mesmo objetivo: o de integrar nossas economias, de forma competitiva e soberana, ao mercado globalizado do século XXI.

No mundo interdependente de nossos dias, nenhum país pode aspirar ao isolamento, nem assegurar sua prosperidade às expensas de outros. Nenhuma nação ou grupo de nações pode agir como se seus interesses individuais estivessem acima do interesse coletivo. A estabilidade e o crescimento da economia mundial dependem de um relacionamento equilibrado entre as partes.

Minha visita à China inaugura um novo capítulo em nossas relações bilaterais. O passado foi muito produtivo. O que nós fizemos em conjunto, até agora, resultou em muitas contribuições para nossos povos. Mas, a partir de agora, nós temos de inaugurar este novo capítulo. Nele, o Brasil fará todo o esforço para ampliar sua relação com a China, por meio do aperfeiçoamento dos laços que já nos unem.

Destaco a importância da Cosban [Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação] e quero reiterar ao senhor Wang Qishan, que representa a parte da China na Cosban, que esse mecanismo de alto nível se constitui na criação de uma institucionalidade cujo objetivo é, sem sombra de dúvida, levar a cabo nossos consensos e, ao mesmo, garantir que haja uma unidade de ação e uma celeridade de atitudes.

Volto às minhas palavras iniciais: precisamos ir além da complementaridade de nossas economias para favorecer entre nós uma relação dinâmica, diversificada e equilibrada. Em função da amizade existente entre Brasil e China e por tudo o que nós já fizemos e vamos fazer nesta viagem, estou segura de que essas também são as intenções das autoridades, do povo e dos empresários chineses. Certamente, teremos sucesso nessa empreitada, que consolidará a cooperação estratégica e a integração entre os nossos povos de forma muito fraterna.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do Diálogo de Alto Nível Brasil-China em Ciência, Tecnologia e Inovação

Presidenta Dilma fala sobre a parceria comercial Brasil-China

Pequim-China, 12 de abril de 2011

Eu queria saudar o senhor Wang Gang, vice-presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, e ministro da Ciência e Tecnologia da República Popular da China,

Saudar o embaixador da República Popular da China no Brasil, Qiu Xiaoqi,

Saudar os senhores ministros que me acompanham nesta visita à República Popular da China, aqui presentes: Antonio Patriota, das Relações Exteriores; Edison Lobão, de Minas e Energia; Aloizio Mercadante, da Ciência e Tecnologia,

Queria também saudar o governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,

O embaixador do Brasil em Pequim, Clodoaldo Hugueneu,

Queria saudar também o senhor Cao Jianlin, vice-ministro da Ciência e Tecnologia da República Popular da China,

O senhor (incompreensível), diretor-geral do Departamento de Cooperação Internacional do Ministério de Ciência e Tecnologia da República Popular da China,

Queria também cumprimentar os membros da delegação, aqui presentes, dr. Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Universidade Federal do Rio de Janeiro-Coppe; o senhor João Carlos Saad, aqui, presidente do Grupo Bandeirantes; o senhor Jacob Palis Junior, presidente da Academia Brasileira de Ciências; o senhor Virgílio Almeida, secretário de Política de Informática do Ministério de Ciência e Tecnologia; o senhor Ronaldo Mota, secretário de Política de Inovação do Ministério de Ciência e Tecnologia; o senhor Pedro Arraes, presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; o senhor Gilberto Câmara, presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais; o senhor Adalberto Fazzio, coordenador de Nanotecnologia do Ministério de Ciência e Tecnologia,

Eu, de fato, tenho grande satisfação e interesse em participar da abertura deste evento binacional sobre ciência, tecnologia e inovação.

Aqui discutiremos – em uma perspectiva de médio e longo prazo – os fundamentos do progresso e do bem-estar no século XXI, baseados na promoção do

conhecimento humano e que têm como objetivos básicos a garantia, entre outras questões, da segurança energética e alimentar do mundo.

A China e o Brasil são dois grandes países, com expressivas economias e crescente atuação internacional. Nossas relações são sólidas e alcançamos, de uma certa forma, a maturidade. No entanto, o Brasil, e tenho certeza a China, quer inaugurar uma nova etapa nessas relações, um salto de qualidade no modelo de cooperação que tivemos até agora.

Mais que parceiros comerciais, queremos ser parceiros também na pesquisa científica e tecnológica, na inovação e na criação de produtos com tecnologias verdadeiramente binacionais.

Convergimos em inúmeros aspectos. Convergiremos, mais ainda, se tivermos uma coordenação efetiva em ciência e tecnologia, como é o caso da Cosban. Também acredito que é necessário que essas relações tenham esse respaldo institucional, para que se dê expressão máxima ao caráter estratégico das nossas relações.

Nós não partimos do zero. Lembremos o pioneirismo do Programa Sino-Brasileiro de Satélites de Recursos Terrestres, o CBERS. Iniciado em 1989, esse projeto, ambicioso para dois países em desenvolvimento, foi emblemático do que a China e o Brasil foram capazes de produzir juntos. Queremos dar continuidade à cooperação espacial com a China, expandindo e atualizando esse Programa para além de 2014. Já lançamos três satélites, cujas imagens disponíveis, de forma gratuita, beneficiaram os países africanos para aplicação em meio ambiente e agricultura. Devemos acelerar o lançamento do quarto satélite e incorporar ações nas áreas de clima espacial, aplicação de dados de satélites meteorológicos e observação da terra.

No setor aeronáutico, buscamos ampliar a cooperação entre a Embraer e a Avic para a produção de jatos executivos da China. Essa parceria abrirá oportunidades de cooperação empresarial em setores de alta tecnologia. Outras iniciativas serão traduzidas em acordos concretos na área de ciência, tecnologia e inovação, ainda no decorrer desta visita.

No campo da biotecnologia, inauguramos o Laboratório Virtual, Labex, projeto entre a Academia de Ciências Agrárias da China [CAAS] e a Embrapa, o qual promoverá pesquisas conjuntas em biotecnologia e genética de plantas para aumentar a produtividade agrícola em nossos países.

É certo que o Brasil é um dos grandes países produtores de alimentos do mundo. É certo também que não contamos só com os recursos naturais. É certo que a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias deu um grande estímulo ao aumento da nossa produtividade e esse estímulo se traduziu na nossa competitividade internacional na área agrícola. Tenho certeza de que nessa área grandes perspectivas podem estreitar as nossas relações com a China.

Formalizaremos ainda os entendimentos para a criação de um centro conjunto de nanotecnologia, a ser implementado ainda em 2011. Assinaremos acordo sobre

desenvolvimento da tecnologia e os múltiplos usos do bambu, trazendo importantes benefícios socioeconômicos.

Em dezembro passado, inauguramos o Centro Brasil-China de Tecnologias Inovadoras para Mudança Climática e Novas Fontes de Energia, associando a Universidade de Tsinghua e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Coppe.

Senhoras e Senhores,

O setor empresarial tem muito a ganhar com a pesquisa e o desenvolvimento entre parceiros capacitados, ligados por fortes laços comerciais, financeiros e políticos.

Temos amplas possibilidades a explorar no campo da inovação, nas áreas da tecnologia da informação, da biotecnologia, da educação, da cadeia de petróleo, gás e dos combustíveis renováveis.

O Brasil deseja aprofundar seu diálogo com a China estabelecendo um programa de fomento de parcerias entre universidades e centros de pesquisa, identificando áreas de interesse e promovendo redes de informações.

O amadurecimento do intercâmbio trará enormes benefícios mútuos, especialmente na medida em que incorpore produtos intermediários, tecnologia, know-how e bens de capital, contribuindo para o aprimoramento das cadeias produtivas tanto do Brasil quanto da China; contribuindo também para a geração de renda, emprego e desenvolvimento conjunto, combate das desigualdades sociais e regionais em nossos países.

Devemos estimular a diversificação dos investimentos recíprocos nos setores de alta tecnologia sob a forma de parcerias entre empresas brasileiras e chinesas.

Reiteramos que essa parceria exige não só transferência de tecnologia, mas também mecanismos conjuntos de inovação tecnológica que permitam a criação de produtos verdadeiramente binacionais.

Caras senhoras e senhores,

O Brasil é um país que tem, na área das energias renováveis, uma grande conquista e uma grande capacidade. A nossa matriz elétrica tem 85% de fontes renováveis e a nossa matriz de combustível, somada à matriz elétrica, é uma das mais limpas do país, representando 45% de energias limpas.

Nós tivemos uma ação conjunta na reunião de Copenhague, afirmando que os países emergentes tinham responsabilidades comuns com os países desenvolvidos, mas diferenciadas, na medida em que os países desenvolvidos tiveram uma contribuição maior com a mudança do clima. Hoje o Brasil e a China se dispuseram a fazer expressivas reduções na emissão de gases de efeito estufa. As nossas... entre 36 a 39% de redução desses gases até 2020.

Reduzimos de forma determinada o nosso desmatamento. Sabemos que a questão das energias renováveis é uma questão também de resposta tecnológica inovadora

aos desafios do uso da energia e da importância da energia para o desenvolvimento do mundo.

Nós temos um comprometimento com uma estratégia de desenvolvimento de biocombustíveis, apostando na linha de pesquisas de combustíveis de segunda e terceira... de biocombustíveis de segunda e terceira geração na área de biocombustíveis.

Temos também a certeza de que é fundamental para os países tanto a segurança alimentar quanto a segurança energética. Por isso, um dos grandes desafios do Brasil é a exploração do pré-sal em águas profundas, o que vai exigir, da nossa parte, um grande desenvolvimento científico e tecnológico para explorar esse recurso nas zonas de grande profundidade, com grande pressão e altas e baixas temperaturas.

Tenho certeza de que o mundo precisa encaminhar-se para um desenvolvimento sustentável. O Brasil não sairá dessa trilha. No entanto, sabemos também que os recursos do petróleo são muito importantes ainda no desenvolvimento internacional. Daí, a importância, para o Brasil e para a China, de parcerias nas tecnologias de extração de petróleo em águas profundas e também na produção e desenvolvimento de tecnologias de refino e de produção de petroquímicos.

Caras senhoras e senhores,

O futuro da cooperação sino-brasileira é auspicioso. Com o início deste diálogo aproximamos parceiros públicos e privados de nossos países, incentivando-os também a abraçarem essa causa, sempre vitoriosa, da ciência, da tecnologia e da inovação.

A China tem civilização e cultura milenares e deu ao mundo número significativo de descobertas e invenções ao longo dos séculos; demonstrou também ser possível renovar sem perder o sentido das tradições. Constatamos com otimismo a ênfase dada no 12º Plano Quinquenal às áreas de ciência, tecnologia e inovação, e nos congratulamos com isso.

Por seu lado, o Brasil atravessa o melhor momento de sua história com uma economia pujante, um povo criativo e confiante e uma sociedade democrática. Fizemos, estamos fazendo e faremos todos os esforços possíveis para transformar o Brasil em um país, em uma nação e em uma sociedade desenvolvida mais justa, mais igual e também capaz de se basear em processos inovadores.

Estou segura, portanto, de que o futuro da cooperação entre o Brasil e a China em ciência, tecnologia e inovação será assinalado por grandes realizações e grandes contribuições mútuas ao desenvolvimento dos nossos países e dos nossos povos.

Muito obrigada.

Declaração à imprensa concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, após 3ª Cúpula dos BRICS

A Cúpula marca o ingresso da África do Sul no agrupamento, o que amplia a representatividade geográfica do mecanismo em momento em que se busca, no plano internacional, a reforma do sistema financeiro e, de modo geral, maior democratização da governança global

Sanya-China, 14 de abril de 2011

Senhores jornalistas, senhoras jornalistas,

Senhor presidente Hu Jintao,

Senhor presidente Dmitri Medvedev,

Senhor presidente Jacob Zuma,

Senhor primeiro-ministro Manmohan Singh,

É para mim uma grande alegria participar, como presidente do Brasil, da 3ª Cúpula dos BRICS, nesta bela ilha de Hainan.

Alegria dupla pela participação, nos BRICS, do presidente Jacob Zuma, da África do Sul. Passamos, assim, a gozar de uma valiosa perspectiva africana no amplo temário que nos reúne.

Vejam as ironias da história. Até pouco tempo atrás, BRICS era apenas uma sigla inventada por um economista do sistema financeiro. Mas a história nos atribuiu responsabilidades crescentes.

Hoje, BRICS evoca um grupo de países que revelou sua força e seu dinamismo no contexto da mais grave crise financeira desde 1929. Nossos países reúnem quase 3 bilhões de habitantes. Mesmo antes da entrada da África do Sul, o FMI já previa que seríamos responsáveis por cerca da metade do crescimento mundial entre 2008 e 2014.

Compartilhamos visões semelhantes sobre o crescimento econômico com justiça social. Crescemos com distribuição de renda, equilíbrio macroeconômico e redução da vulnerabilidade externa. Acreditamos que a prosperidade verdadeira só pode ser a prosperidade compartilhada por todos. Estamos empenhados em garantir o desenvolvimento ambientalmente sustentável de nossas economias.

Saudamos a África do Sul pela Conferência do Clima, neste ano, em Durban, e seremos nós, o Brasil, a recolher a próxima Conferência do Clima, em 2012, na Rio+20.

Sabemos que nenhuma nação, por mais poderosa que seja, pode superar seus desafios sozinha. Queremos somar esforços para promovermos nossas relações econômico-comerciais, científicas e tecnológicas, educacionais e culturais.

Desejamos que nossa cooperação se reflita no incentivo à educação de qualidade. Somente ela nos dará capacidade de inovação e desenvolvimento científico e tecnológico para assegurarmos uma inserção soberana na economia global, cada vez mais interdependente.

Ademais, estamos cientes de que a paz e a segurança estão intimamente associadas ao combate à fome, ao desenvolvimento e à criação de oportunidades para homens e mulheres e, em especial, para os jovens.

Estamos engajados na criação de uma ordem institucional multipolar, sem tentações hegemônicas ou disputa por áreas de influência.

O BRICS não se organiza contra nenhum grupo de países. Na verdade, trabalhamos por mecanismos de cooperação e governança global sintonizados com o século XXI. Isso é válido para as instituições financeiras, como o Fundo Monetário e o Banco Mundial, que precisam dar continuidade à reforma de sua governança, bem como renovar suas instâncias dirigentes.

O mesmo deve ser dito em relação à paz e segurança internacionais. Por isso, a reforma da ONU e de seu Conselho de Segurança são essenciais. Não é possível que, ao iniciarmos a segunda metade do XXI, ainda estejamos atrelados a formas institucionais erguidas no pós-guerra. Estamos, todos os BRICS, no Conselho de Segurança das Nações Unidas em 2011, onde podemos desenvolver trabalho conjunto, sempre no entendimento de que o recurso à força não pode ser precipitado. A diplomacia e a negociação devem ser privilegiados.

A criação do G-20 representou um avanço e um primeiro sinal de reconhecimento da necessidade de mudanças na governança global. Queremos intensificar nossa coordenação nos temas tratados no âmbito do G-20, mantendo abertura ao diálogo, no que se refere à aspiração de todos os países em desenvolvimento.

Este é um grupo que deseja uma ordem internacional solidária. Solidariedade entendida como capacidade de promover prosperidade não só em benefício próprio, mas também dos menos desenvolvidos.

Nossa agenda não se define, portanto, por oposição a nenhuma outra agenda. Queremos agregar. Acabamos de adotar a Declaração de Sanya, com pontos extremamente relevantes, e traçamos um plano de ação que nossos ministros e nossos governos traduzirão em ações concretas.

Agradeço a parte chinesa pela liderança demonstrada nesta Cúpula. Com satisfação, antecipo nossa participação na próxima reunião na Índia, em 2012.

Saio deste encontro particularmente otimista em relação à nossa parceria e a seu futuro.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do Fórum de Boao

A conferência deste ano enseja oportunidade para que se compartilhe a experiência brasileira na promoção do crescimento econômico com inclusão social

Boao-China, 15 de abril de 2011

Obs: Por problemas técnicos, o início deste discurso não foi gravado.

..., presidente da República Popular da China,

Senhor Fukuda Yasuo, e, ao cumprimentá-lo, cumprimento todos os integrantes do Fórum de Boao,

Excelentíssimo senhor Dmitri Medvedev, presidente da Federação Russa,

Excelentíssimo senhor Jacob Zuma, presidente da República da África do Sul,

Senhor Lee Hsien Loong, primeiro-ministro de Cingapura,

Senhor Kim Hwang-sik, primeiro-ministro da República da Coreia,

Senhor José Luis Zapatero, presidente do governo da Espanha,

Senhor Nikolai Azarov, primeiro-ministro da Ucrânia,

Senhor Zhou Wenzhong, secretário-geral do Fórum de Boao para a Ásia,

Empresários aqui presentes,

Senhoras e senhores jornalistas,

Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que eu compareço a este Fórum de Boao, atendendo ao honroso convite do presidente Hu Jintao.

O Brasil reconhece a importância das economias da Ásia, e temos certeza de que o Fórum de Boao se constitui em um dos mais importantes espaços multilaterais de discussão sobre o destino desta parte importante da Humanidade. Somos favoráveis a todas as iniciativas que busquem aproximar, integrar e desenvolver as relações da Ásia e da América do Sul, as duas regiões que mais crescem no mundo.

Apesar da distância entre nossas regiões, o Brasil se reconhece no continente asiático. Nosso país tem composição multiétnica e se formou por fortes movimentos de migrações europeias, africanas e também asiáticas.

Essa proximidade dá a medida do pesar que sentimos pelos recentes eventos naturais que atingiram o Japão e a Nova Zelândia, provocando enormes perdas humanas e de bens materiais. Tenho certeza de que a firmeza, a determinação do povo japonês será capaz de reconstruir o seu país. Queria destacar que o Brasil hoje é o país que possui a maior colônia japonesa do mundo, e temos cerca de 300 mil brasileiros residindo no Japão. Determinei ao meu ministro de Relações Exteriores que, logo após o término deste encontro, visite o Japão e expresse ao governo japonês a nossa solidariedade e disposição de apoio.

Senhoras e senhores,

O mundo atravessa um período de profundas transformações. A multipolaridade econômica e comercial avança, deslocando velhas hegemonias e paradigmas. Esse processo abre espaço para um novo dinamismo, no qual a Ásia é um pólo emergente e a América Latina desponta como espaço econômico relevante.

O mundo vem saindo de uma grave crise internacional. Hoje a economia mundial está em recuperação, mas com velocidades diferentes de crescimento entre países avançados e em desenvolvimento. Esta assimetria tem gerado desafios para a administração de nossas economias.

De um lado, a expansão da liquidez por parte dos países avançados pressiona a inflação mundial e aprecia as moedas de vários países, sobretudo dos exportadores de commodities, ao mesmo tempo em que promove a insegurança alimentar e energética em outras nações.

De outro lado, a lenta e instável recuperação econômica nos países avançados dificulta a redução no déficit fiscal e na dívida pública naquelas economias.

Essa situação levou alguns analistas a uma resposta um tanto simples: adotar políticas restritivas, tanto nos países emergentes, para controlar a inflação, quanto nos países avançados, para promover uma rápida consolidação fiscal.

Eu gostaria de enfatizar que nós somos favoráveis ao controle da inflação e à estabilidade fiscal. Eu gostaria de destacar que, para nós, o controle da inflação e a estabilidade são fundamentais para a recuperação da economia mundial. Mas isso tem que ter como objetivo criar condições para o crescimento econômico, para a inclusão social, sobretudo naqueles países onde parcelas enormes da população ainda vivem em situação de pobreza ou de pobreza extrema.

Desenvolver com inclusão social – que é o tema deste Fórum – é a questão chave para todos nós, mulheres e homens do século XXI. Os movimentos em todo o Oriente Médio e no Norte da África evidenciam que as pessoas estão carentes de inclusão social. Eu acredito que não haverá crescimento sustentado e estável de longo prazo sem fortes programas de inclusão social, redução de desigualdades e participação.

Senhoras e senhores,

A experiência do Brasil nos últimos anos demonstrou, de forma inequívoca, a importância do crescimento com melhora na distribuição de renda. É claro que isso não ocorreu sem grande esforço do povo brasileiro.

Nos últimos anos, consolidamos estabilidade macroeconômica e construímos no nosso país uma ampla rede de proteção social, que resultou em mais desenvolvimento econômico. Implementamos esses fortes programas de distribuição de renda, aumentamos o salário real e iniciamos diversos programas de universalização dos serviços públicos.

Citando alguns exemplos: na área de combate à pobreza e educação, criamos o Bolsa Família, um dos maiores programas de renda do mundo, que elevou a renda de milhões de pessoas. Ampliamos o acesso ao ensino básico, criamos mecanismos de financiamento que garantiram o acesso a milhões... milhares de jovens de baixa renda ao ensino superior. Elevamos o nosso investimento e levamos à população rural eletricidade, beneficiando milhões e milhões de famílias. Na habitação, também iniciamos um grande programa de construção de casas.

Enfim, ampliamos o investimento e o consumo, o que permitiu ao país sair de forma rápida e consistente da grave crise econômica internacional. No setor financeiro, ampliamos o acesso ao crédito. Com isso, fortalecemos a nossa economia e geramos mais de 15 milhões de empregos formais. Nos primeiros três meses deste ano, mantivemos o mesmo ritmo de geração de emprego.

Foi o aumento do emprego e da renda que viabilizou a construção de um mercado interno de consumo de massas, capaz de sustentar o crescimento de nossa economia e gerar ótimas oportunidades de investimento para o capital privado.

Enfim, a democratização do crédito, a elevação da renda do trabalho, as transferências de renda, a universalização de serviços e investimentos em infraestrutura retiraram 36 milhões de pessoas da pobreza, em um país de 190 milhões, e expandiu a classe média brasileira.

Senhoras e senhores,

Nós, de fato, vivemos em um momento de notável expansão e excelentes oportunidades de investimento. O Programa de Aceleração do Crescimento estabelece intensa parceria público-privada para investimentos em energia, logística, infraestrutura urbana e social.

Temos uma das matrizes energéticas mais limpas do Planeta, e, no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento, retomamos investimentos em hidrelétricas de grande porte, na modernização de nossas redes de distribuição e transmissão.

Estou iniciando uma ampla modernização nos aeroportos, fortemente pressionados pelo espetacular aumento da demanda que, somente no último ano, representou uma elevação de mais de 11 milhões de passageiros.

Consolidamos um dos programas mais ambiciosos de biocombustíveis, baseado no etanol de cana-de-açúcar. Tivemos descobertas de grandes campos de gás e petróleo na plataforma oceânica, chamada camada do pré-sal, que estão desencadeando um conjunto de investimentos em navios, sondas, plataformas, gasodutos, refinarias, bens e serviços destinados ao fornecimento de demandas que representam mais de 25% do total mundial de investimentos na cadeia de gás e petróleo “offshore” do mundo.

Estamos implementando um conjunto de grandes projetos de mobilidade urbana, hotelaria e demais serviços associados à infraestrutura relacionada à Copa do Mundo, em 2014, e às Olimpíadas, em 2016.

Por isso, existem grandes oportunidades no Brasil. Também estamos ampliando nossos investimentos em ciência, tecnologia e inovação, bem como na construção de um desenvolvimento ambientalmente sustentável.

Nós hoje combinamos estabilidade econômica, crescimento acelerado, projeto estratégico de desenvolvimento, impulso à ciência, tecnologia e inovação, inclusão social e distribuição de renda, Estado de Direito democrático, estabilidade política, compromisso com os direitos humanos e com a sustentabilidade ambiental e um profundo sentimento de autoestima de nosso povo.

O mundo do século XXI, senhoras e senhores, requer criatividade para forjar novos laços entre regiões e continentes. A Ásia e a América Latina podem e devem estreitar seus vínculos, seus laços, seus negócios e suas parcerias, reduzindo distâncias físicas, aproximando visões de mundo, integrando povos e culturas.

Atuamos em cenários econômicos, políticos e sociais distintos. Não buscamos modelos únicos, nem tampouco unanimidades. Os consensos que se tentaram na história recente sob a égide do mercado ou do Estado, e que supostamente nunca falhariam, mostraram-se frágeis como um castelo de cartas. O grande desafio é construir na diversidade, associando distintos projetos em ambiente de cooperação para o desenvolvimento de todos.

Espero que neste 10º Fórum de Boao, que eu tenho o prazer de comparecer, que ele se fortaleça e que também se fortaleça a determinação de romper paradigmas para aperfeiçoar um diálogo pioneiro entre Estados, sociedades, empresas e instituições, para juntos vencermos os desafios de construir um mundo com as nossas melhores tradições de humanidade, de paz e de solidariedade.

Muito obrigada.

Discurso do Presidente da República em exercício, Michel Temer, durante cerimônia alusiva à visita à 51ª Exposição Agropecuária e Industrial 2011

O evento aconteceu no Parque de Exposição Governador Ney Braga

Londrina-PR, 16 de abril de 2011

Senhor Beto Richa, Governador do Paraná,

Ministro Wagner Rossi, Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Gustavo Andrade Lopes, Presidente da Sociedade Rural do Paraná, por intermédio de quem saúdo todos os produtores rurais aqui presentes.

Senhores deputados André Vargas, Moacir Micheletto, Alex Canziani, Nelson Padovani, Osmar Serraglio, meus colegas de Parlamento, não é? Sabe que eu, embora tenha ido para o Executivo, vi Richa, eu ainda tenho, digamos assim, a minha alma ainda presente no Legislativo, não consegui sair de lá. Assim, como eu cumprimento o Borba, o Santinho, o Secretário da Agricultura, o Secretário da Segurança – o Secretário Norberto, o Secretário da Agricultura, o Luis Carlos Rauli, meu ex-colega de Parlamento e Secretário da Fazenda do Estado do Paraná, meu prezadíssimo amigo Orlando Pessuti, ex-governador do Paraná, o Rodrigo Rocha Loures Filho, meu colega de Parlamento que me ajuda agora na vice-presidência, e o pai, que é presidente da nossa Federação das Indústrias.

Senhoras e senhores, eu quero começar dizendo o seguinte: vejam vocês como o governo sabe escolher. Eu contei, Wagner, o número de aplausos que você tem. Foram quatorze vezes. Então, quando eu vejo você sendo aplaudido por um dos setores mais importantes da nossa nacionalidade, que é o setor da produção, do agronegócio, da pecuária, eu vejo como o governo acerta. Porque você tem tido uma atuação aplaudida pessoalmente, como foi aqui, mas quando não pessoalmente, aplaudida pelos vários setores na nação. E todos sabem, o que reiteradamente se diz aqui, não é Micheletto, o quanto é importante a agricultura para o nosso país.

Eu próprio, confesso, eu sou fruto do produtor rural. Eu advogado, eu professor, eu deputado, eu Presidente da Câmara, eu Vice-Presidente da República, eu devo tudo isso a um produtor rural, que foi o meu pai. Meu pai, morávamos numa pequena cidade do interior de São Paulo, em Tietê, e tinha lá o que se chama sítio. Trinta e poucos alqueires, 35 alqueires e ele, eu me recordo menino ainda, ele plantava todos os 30 alqueires. Tudo era plantado – algodão, café, frutas, as mais variadas culturas que ele plantava durante o ano. E, naturalmente, ficava torcendo. Ora a chuva era boa para o café, mas era ruim para o algodão, então ele ficava torcendo pelo tempo. E foi exatamente isso, Governador e Presidente da Sociedade Rural, que fez com que ele mandasse seus filhos para São Paulo para poderem estudar. Todos os haveres dele nasciam precisamente da produção rural.

E é curioso – acho que o Wagner enfatizou muito esse aspecto – meu querido prefeito Barbosa Neto, meu ex-colega de Parlamento que tanto me prestigiou no Parlamento brasileiro, eu quero recordar que naquela época o produtor rural era uma figura enaltecida por todos. Curiosamente, como lembrou o Wagner, num dado momento, começou a haver um aspecto digamos assim um pouco ideológico entre a produção rural e os ambientalistas, como se fossem segmentos apartados, Borba, da nacionalidade, quando são segmentos que devem confluir, devem convergir. E como eu tenho consciência desse fato, precisamente pela minha origem, e daí a razão, Governador, da minha vinda aqui – não só da razão da minha vinda aqui para revelar o apreço do governo federal pelo setor da produção rural, como também comuniquei à Presidenta Dilma que aqui vinha e ela me pediu que transmitisse ao Governador, aos produtores rurais e a todos os amigos o seu fraternal abraço, até porque ela está na China. E vejam que o que mais se deu relevo na sua visita à China – lá estive o Wagner também - foi a possibilidade da compra pela China da produção suína, da carne suína, que o Paraná é um extraordinário produtor, como também abriu a possibilidade da compra de aves, frango, carne de boi, etc. Tudo isso fruto da viagem que foi feita à China pela nossa Presidenta. Interessante que, até simbolicamente, é um momento extraordinário em que eu venho aqui, porque de tudo que se debateu lá, o que mais ressaltou a imprensa brasileira foi precisamente o incentivo à produção agropecuária, à produção rural, que se deu em terras da China. Então, quando eu venho aqui, eu venho, digamos, espiritualmente recordando o passado, como acabei de fazer, mas institucionalmente, para revelar, tomo a liberdade da repetição, a preocupação que o governo federal tem com a produção rural, com o agronegócio e com os setores que são os suportes da nossa nação.

E nesse tópico entra o assunto predileto do momento, que é a questão do Código Florestal. E eu confesso que, no dia de quarta-feira, nós reunimos lá o presidente da Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados, o presidente da Comissão do Meio-Ambiente, os setores produtores e os setores ambientalistas, e lá conversamos. E conversamos começando eu por dizer “olha, eu tenho certa autoridade para tratar desse assunto, porque quando havia aquela confusão em função, Alex, de que as comissões não se entendiam, eu criei – eu, Presidente da Câmara – criei uma comissão especial para tratar do Código Florestal. Tantas vezes o Micheletto esteve comigo, Padovani, tantas vezes estiveram os produtores comigo, que eu resolvi criar essa comissão para a elaboração do Código Florestal. Trabalharam intensamente. É claro, sendo um assunto polêmico, eles trabalharam com muita adequação. E, André, quando foi na quarta-feira, eu me sentei e disse: primeiro, tenho autoridade para fazer esta reunião porque criei a comissão do Código Florestal, mas eu quero dizer que eu quero, aqui, chegar a uma hipótese de conciliação. Nós precisamos votar essa matéria. Não podemos esperar que chegue o decreto em junho que apenas o produtor rural – eu estou contando quantas vezes sou aplaudido hoje. Vou ver se consigo empatar. Mas vocês percebem que eu não estou fazendo discurso. Estou aqui relatando fatos que são de interesse da produção rural e, naturalmente, de interesse do governo federal. Então, eu dizia – o Micheletto estava lá, o Serraglio estava lá – eu dizia: eu quero aqui insistir para dizer que a partir deste momento o governo entra oficialmente nesta questão, com vistas a obter a votação. Nós sabemos que já avançou muito essa discussão, mas eu quero insistir na conciliação. E, interessante, vocês sabem que lá, com a presença do relator, Aldo Rebelo, que fez um belíssimo trabalho, com a presença do Aldo

Rebello e de todos, nós avançamos muito, não é? Interessante. Levantaram-se três pontos lá e, dos três pontos, pelo menos dois deles foram solucionados naquela mesa de negociações na minha sala. E no dia seguinte, nós fizemos uma nova reunião, por mim presidida, já agora com a presença do Ministro da Agricultura, do Ministro do Desenvolvimento Agrário, da Ministra do Meio-Ambiente, do Ministro-Chefe da Casa Civil, o Luiz Sérgio, o Ministro das Relações Institucionais, e mais uma vez o governo – que tinha algumas divergências internas – mas graças à atuação do Wagner e de todos os ministros, chegou-se a praticamente um consenso.

Então o governo já saiu declarando que há condições para votar o Código Florestal. É o que nos devemos fazer, se Deus quiser, muito brevemente, fazendo essa adequação entre o meio ambiente, que todos nós queremos preservar, mas, mais do que nós, os produtores rurais querem conservar. Os produtores rurais trabalham com vistas à preservação do meio-ambiente. Então, houve esse consenso e eu creio que muito proximamente, nós voltaremos a essa matéria para votá-la no Congresso Nacional. Não devemos chegar à extinção da vigência daquele decreto – 11 de junho. Portanto, antes disso, nós temos que votar essa matéria e eu tenho absoluto convencimento, o governo tem absoluto convencimento – eu falo mais por mim, talvez, do que pelo governo - mas neste momento, interinamente, represento o governo federal. Mas vejo que o conjunto governamental quer votar essa matéria, o Congresso quer votar essa matéria. Então, eventuais resistências poderão ser superadas por aquilo que o Congresso costuma fazer, não é Rauli? Quando não há consenso em um ou dois pontos, a soberania do plenário da Câmara dos Deputados e, depois, a soberania do plenário do Senado Federal decidem esses pontos controversos. Afinal, democracia é a expressão da maioria. Quando não há consenso, a maioria vota e decide.

Portanto, meus amigos - eu já vi que foram... o Barbosa contou já 10 vezes e eu não quero chegar às 14.

Então, eu vou parando por aqui, mas dizendo a vocês, a todos os produtores, que na vice-presidência, viu governador, eu quero dizer que lá, para os produtores rurais como para todos os brasileiros, a vice-presidência não tem as portas abertas, ela não terá portas, o que é diferente de manter simplesmente as portas abertas. Então, meus amigos e minhas amigas, ao vir aqui nesta manhã iluminada, iluminada pelo sol, mas iluminada pelo desenvolvimento do Paraná, pelo desenvolvimento de todos aqueles que governaram o Paraná, que cuidaram do Paraná, pelo sentido empreendedor do povo do Paraná, e eu tomo a liberdade de dizer que quando eu era garoto – Londrina tem quantos anos, 70 anos? 76 anos – quando eu era garoto, bem garoto naturalmente, eu me lembro que meu pai, muitas e muitas vezes, produtor rural que era, pensava em comprar uma terra aqui no Paraná para que nós nos mudássemos para cá, afim de continuar na produção rural, por que dizia ele, eu ouvia ele dizer – eu sou o caçula de 8 irmãos – mas ele dizia aos meus irmãos, aos meus irmãos mais velhos “acho melhor a gente comprar alguma coisa lá no Paraná. Vamos vender este nosso sitio aqui, vamos para o Paraná, porque lá – ele costumava usar esta expressão – é o local onde se faz a América” Ou seja, é um local onde se desenvolve, se cresce.

E este é o Paraná, esta é Londrina, esta é a feira desta Sociedade Rural, também presidida por Vossa Senhoria, que faz, já pude perceber, sem tê-la visitado ainda, uma grandiosa feira, já é a 51a delas, não é? De modo que é um sucesso extraordinário. Mas tem sucesso a feira porque ela revela a capacidade da produção rural aqui no Paraná. Por isso que ela é também preciosa e extraordinária.

Portanto, ao cumprimentá-los em meu nome e em nome da Presidenta Dilma Rousseff, que até apreciaria estar aqui, eu quero desejar que nos próximos anos eu possa vir aqui e que cada vez mais esta feira que se instala em um local de quase 17 alqueires – é isso? – 18 alqueires – que ela cresça cada vez mais revelando essa pujança importante para o Brasil, importante para o Paraná.

Muito obrigado.

Mensagem lida em nome da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante solenidade comemorativa do Dia do Exército e de imposição da comenda da Ordem do Mérito Militar

Presidenta Dilma fala sobre a Batalha de Guararapes e a importância do Exército Brasileiro

Brasília-DF, 19 de abril de 2011

Integrantes do Exército Brasileiro!

Na data de hoje, há 363 anos, travou-se em Pernambuco a Batalha de Guararapes. Naquele 19 de abril, em uma época em que o Brasil ainda não existia como nação independente, já existiam brasileiros. Homens e mulheres, brancos, negros e índios dispostos a arriscar suas próprias vidas contra o invasor estrangeiro, em defesa dos interesses da Pátria.

É muito apropriado, por esta razão, que o dia 19 de abril tenha sido escolhido como o Dia do Exército. O que aconteceu em Guararapes contribuiu para cimentar as bases da nossa nacionalidade.

A missão que teve início naquele dia de 1648 continuou a ser desenvolvida ao longo do tempo e se confunde, hoje, com a própria essência do Exército Brasileiro.

As tropas da Força Terrestre, em permanente prontidão, são a garantia indispensável da segurança do país. Um país de vocação pacífica e democrática, que valoriza o diálogo, a justiça, o respeito aos direitos humanos e que vem se consolidando como uma sociedade próspera e fraterna, que busca a igualdade de oportunidades para todos. Na verdade, uma das maiores democracias do mundo.

O Exército desempenha, nesse contexto, tarefas da maior importância. Os soldados brasileiros desenvolvem – em todo o território nacional e nas regiões mais remotas e isoladas do Brasil – ações de cunho social de valor inestimável: levando serviços de saúde a populações carentes, prestando socorro em situações de calamidade, apoiando os trabalhos da Justiça Eleitoral, participando de projetos de instalação de infraestrutura física ou, em caráter emergencial, garantindo a lei e a ordem.

Nosso Exército é respeitado dentro e fora do país. Reconhecido pelas conquistas de nossos pracinhas em solo europeu, durante a Segunda Guerra Mundial, e pela participação em missões de paz da Organização das Nações Unidas em todo o mundo.

No comando da Missão para a Estabilização do Haiti, por exemplo, o Exército Brasileiro vem dando mais um exemplo de responsabilidade, humanidade e honradez. Essa é uma extraordinária atividade de apoio e pacificação de uma nacionalidade que sofreu toda sorte de privações.

A sociedade brasileira tem plena confiança na eficiência dos integrantes da Força Terrestre. Os valores que lhes são inerentes – patriotismo, profissionalismo e dedicação – fazem dessa instituição uma fonte permanente de orgulho para o país.

Em nome de todos os brasileiros e brasileiras, a Presidenta da República tem a satisfação de prestar, na data de hoje, justa e sincera homenagem aos homens e mulheres que integram o Exército Brasileiro. Trabalhadores ativos e abnegados, nossos soldados cumprem a nobre missão de contribuir para o desenvolvimento do país e de zelar pela defesa da soberania nacional.

Parabéns, Exército Brasileiro!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de formatura da Turma 2009-2011 do Instituto Rio Branco

A solenidade aconteceu no Palácio Itamaraty

Palácio Itamaraty, 20 de abril de 2011

Boa tarde a todos.

Senhor Michel Temer, vice-presidente da República,

Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Embaixador Patriota, ministro de Estado das Relações Exteriores, por intermédio de quem saúdo os ministros de Estado presentes,

Senhor embaixador Nogueira, secretário-geral das Relações Exteriores,

Senhora embaixatriz Elmira Nogueira Batista,

Embaixador Georges Lamazière, diretor do Instituto Rio Branco,

Secretário Eden Clabuchar Martingo,

Orador da Turma, embaixador Paulo Nogueira Batista, por intermédio de quem saúdo todos os formandos e formandas e seus familiares,

Senhoras e senhores embaixadores e membros do corpo diplomático,

Senhoras e senhores,

Neste dia especial em que o Ministério das Relações Exteriores recebe, em seus quadros, mais 109 novos diplomatas, quero que minhas primeiras palavras sejam para felicitar as formandas e os formandos, seus familiares e seus amigos.

Há mais de 50 anos esta Casa forma servidores que têm defendido, nos cinco continentes e nos foros multilaterais, os interesses nacionais do Estado e da sociedade brasileira. A qualidade do desempenho do Itamaraty fez dele uma instituição internacionalmente respeitada. Estou certa de que a Turma 2009-2011 do Instituto Rio Branco manterá e aprofundará essa tradição que marca a diplomacia brasileira.

Senhoras e senhores, amigos e amigas,

A política externa de um país é mais do que sua projeção na cena internacional. Ela é também um componente essencial de um projeto nacional de desenvolvimento,

sobretudo em um mundo cada vez mais interdependente. As dimensões interna e externa da política de um país são, pois, inseparáveis.

A atenção que o Brasil tem despertado globalmente nos últimos anos é, em grande medida, consequência da percepção e da valorização que a comunidade internacional passou a ter das transformações pelas quais nosso país vem passando.

Depois de décadas de estagnação, o Brasil retomou o crescimento - um crescimento distinto daquele do passado – agora, a partir do governo do presidente Lula, acompanhado de intensa distribuição de renda e de forte inclusão social.

Descobrimos, nós, brasileiros, que as políticas sociais não podiam estar separadas da política econômica, como se fossem mero complemento ou elemento de compensação da política econômica.

Nosso desenvolvimento começou a recuperar a infraestrutura física, social e energética do país. Construímos o equilíbrio macroeconômico e fomos capazes de reduzir nossa vulnerabilidade externa. Deixamos de ser devedores e passamos à condição de credores internacionais. Essa grande transformação ocorreu com o fortalecimento da democracia, com o respeito aos direitos humanos e com a política de preservação do meio ambiente.

Sabemos, no entanto, que temos ainda inúmeros e grandes desafios pela frente. O mais importante deles é o de superar a pobreza extrema. Nós dizemos: “País rico é país sem pobreza.” E isso implica, necessariamente, uma definição de estratégia e de caminhos. E mais, sabemos também que para sermos uma grande nação, próspera e democrática, precisamos realizar um grande esforço para assegurar educação de qualidade para todos os jovens e as jovens brasileiros, mobilizando todas as nossas capacidades para desenvolver a pesquisa científica e tecnológica e entrarmos no caminho da inovação em todas as áreas da nossa atividade. Esses são, sem dúvida, os integrantes do nosso passaporte para a economia do conhecimento, permitindo que enfrentemos a dura competitividade econômica internacional. São, sobretudo, instrumentos para a construção de uma verdadeira cidadania.

Hoje temos condições extraordinárias para dar continuidade a uma política externa afinada com o nosso projeto nacional, que logrou por três vezes – duas com o presidente Lula e uma comigo – o apoio da sociedade brasileira. Essa opção requer crescente intercâmbio internacional, tanto nas pesquisas de cunho científico, como nos desafios da tecnologia, ampliando os investimentos e o comércio do Brasil com o mundo e também diversificando a origem e o destino de nosso intercâmbio de conhecimento de bens e de serviços.

É dessa maneira que o Brasil assume participação ativa nessa nova ordem internacional que nasce no século XXI. Caberá a vocês ajudar a moldá-la aos nossos interesses e aspirações.

Como país multiétnico, de grande diversidade cultural e com interesses globais, o Brasil busca a interação entre culturas e respeita a pluralidade de ideologias e

sistemas políticos. Por essa razão, também, favorecemos a cooperação com os países desenvolvidos e em desenvolvimento de todas as regiões do mundo.

Senhoras e senhores,

A América do Sul seguirá sendo prioridade da política externa do meu governo. Sinalizei essa prioridade ao fazer, à Argentina, minha primeira viagem ao exterior. Não há espaços para discórdias e rivalidades que nos separaram no passado.

Os países do nosso continente tornaram-se valiosos parceiros políticos e econômicos do Brasil, e nós sabemos que os destinos da América do Sul, os destinos de cada um dos países e os nossos estão indelevelmente ligados.

Nossa região – América do Sul – tem [teve] um crescimento médio de 7,2% em 2010 e transformou-se em um polo dinâmico do crescimento mundial.

Hoje, quando comemoramos 20 anos do Tratado de Assunção, que criou o Mercosul, temos muito a celebrar. Nesse período, o comércio intrabloco saltou de US\$ 4,3 bilhões para [US\$] 44 bilhões. Expandimos o Mercosul horizontalmente, transformando um projeto, inicialmente comercial-tarifário, em uma integração mais profunda entre o Brasil e seus vizinhos do Cone Sul.

Nossa associação incorpora vertentes sociais, de integração de cadeias produtivas, político-parlamentar e de defesa da democracia. Os quatro países membros originais do Mercosul estão entre as cinco economias da América Latina e do Caribe que mais cresceram.

Com a Unasul, cujo tratado constitutivo entrou em vigor em março último, inauguramos processo histórico de coordenação e de promoção do crescimento mais harmonioso da América do Sul. Nela dialogamos com nossos vizinhos na esfera política, energética, de infraestrutura, de defesa, tecnológica, de saúde e de combate ao narcotráfico, o que revela o desejo da região de enfrentar, de forma unida, os desafios da globalização e de transformar-se em polo importante do mundo que hoje está se construindo.

A integração [sul]-americana revelou-se importante instrumento para a aproximação de toda a região, o que se expressou na criação da Comunidade dos Povos da América Latina e do Caribe, a Celac.

No caso do Haiti, o nosso compromisso é inequívoco. O Brasil está seguro de que, uma vez concluído o processo de transição democrática em curso no país, estarão dadas as bases para a retomada da construção do Haiti.

A compreensão da universalidade de nossos interesses nos leva a estreitar as relações diplomáticas e abrir novos canais de diálogo político e de cooperação econômica com o continente africano e com o Oriente Médio. Essa iniciativa não se deve apenas, no caso da África, aos laços históricos e culturais que nos une. Ela leva em conta as enormes potencialidades desse continente, com os seus 800 milhões de habitantes e seu rico território. A África, sem sombra de dúvida, tem um futuro extraordinário.

Também nos lançamos em novas frentes de cooperação na Ásia, em especial com a China, com a Índia, com a Coreia do Sul e com o Japão, centros de grande dinamismo tecnológico e econômico, com os quais pretendemos ampliar e diversificar oportunidades de negócios nos marcos de franca reciprocidade. A palavra será e é sempre: reciprocidade.

Acabo de regressar de Pequim, onde tive a oportunidade de transmitir uma mensagem clara a nossos aliados estratégicos. Queremos aumentar o nosso comércio, mas também diversificá-lo. Não temos por que envergonharmo-nos de nossa condição de grande exportador de commodities, mas, ao mesmo tempo, queremos expandir nossas exportações com valor agregado.

Precisamos de mais investimentos recíprocos, mas esses investimentos têm de propiciar efetiva cooperação na área de pesquisa científica, tecnológica e inovação, e propiciar a devida transferência de tecnologia, de parte a parte. Estados Unidos e Europa seguirão representando importantes parceiros, com os quais mantemos e manteremos intensas relações construtivas e equilibradas. Foi muito relevante para os nossos povos e governos a visita do presidente Barack Obama ao Brasil. Ela, sem dúvida, dará mais vigor e dinamismo às relações entre os Estados Unidos e o Brasil.

Nossa rede consular continuará aperfeiçoando o tratamento aos milhões de brasileiros que partiram em busca de oportunidades que, no passado, lhes faltaram em sua própria terra. Devemos cuidar, acolher e atender esses brasileiros e brasileiras no exterior.

Amigas e amigos,

Confio nos benefícios de um sistema internacional verdadeiramente multipolar, pois essa é a configuração da qual cada vez mais se aproxima, ou deve se aproximar, o mundo de hoje. Nessa esfera multilateral estamos forjando coalizões em defesa de causas que projetam as convicções mais profundas do povo brasileiro.

Sabemos, por experiência própria, que o desenvolvimento sustentável é a única forma de legarmos um mundo mais seguro e pacífico para as próximas gerações. Isso é o que nos move no grupo Basic e no G-77, nas negociações sobre mudança do clima, assim como nos preparativos para a Conferência Rio+20 que sediaremos em 2012.

O fórum Índia, Brasil, África do Sul, o Ibas, mostra que a democracia e a solidariedade são armas poderosas para superar a pobreza, e daremos a esse fórum a importância que ele merece.

A recém concluída Cúpula dos BRICS, na China, reafirmou o objetivo dos grandes países emergentes por uma ordem internacional mais democrática e representativa do mundo do século XXI.

Temos insistido na conclusão da Rodada de Doha, da OMC, que faça jus ao seu nome original: Rodada do Desenvolvimento. Mais do que nunca, é fundamental combater todas as formas de protecionismo que golpeiam, sobretudo, países pobres e em desenvolvimento.

As instituições internacionais de outrora, senhoras e senhores, se tornaram obsoletas. A governança econômica global herdada no século passado sucumbiu à crise financeira de 2008, juntamente com o dogma da infalibilidade dos mercados financeiros. O G-7 foi deslocado pelo G-20 na discussão das saídas para a crise e na condução das reformas que aumentaram o poder de voto dos países emergentes no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial. Mas há muito o que fazer. Há que reformar essa governança e dar a ela a representação que os países emergentes têm hoje no cenário internacional.

No momento em que debatemos como serão a economia, o clima e a política internacional no século XXI, fica patente também que, do ponto de vista da segurança, a ONU também envelheceu. Os eventos mais recentes nos Países Árabes e no norte da África mostram uma saudável onda de democracia, que desde o seu início apoiamos. Refletem também a complexidade dos desafios dos tempos em que vivemos. Lidamos com fenômenos que não mais aceitam políticas imperiais, certezas categóricas e as respostas guerreiras de sempre.

Reformar o Conselho de Segurança das Nações Unidas não é, portanto, um capricho do Brasil. Reflete a necessidade de ajustar esse importante instrumento da governança mundial à correlação de forças do século XXI. Significa atribuir aos temas da paz e da segurança efetiva importância. Mais do que isso, exige que as grandes decisões a respeito sejam tomadas por organismos representativos e, por essa razão, mais legítimos.

A defesa dos direitos humanos, desde sempre e mais ainda agora, está no centro das preocupações de nossa política externa. Vamos promovê-los e defendê-los em todas as instâncias internacionais sem concessões, sem discriminações e sem seletividade, coerentemente com as preocupações que temos a respeito do nosso próprio país.

Queridas amigas e amigos,

Quero felicitá-los pelas escolhas para patrono e paraninfo de turma. A opção pelo embaixador Paulo Nogueira Batista é uma bela homenagem ao diplomata, ao homem público, mas sobretudo, ao abnegado lutador em defesa dos interesses do Brasil, que por mais de 40 anos desempenhou com brilhantismo suas funções no Itamaraty e na Nuclebrás.

A escolha do presidente Lula como paraninfo – presidente sob o qual eu tive a honra de ser duas vezes ministra – é um justo reconhecimento a esse filho do Brasil, a esse cidadão do mundo, que associou sua vida às transformações que estão moldando o nosso país.

Os brasileiros recuperaram sua autoestima nesse período, de forma inequívoca. Todos nós, e cada um em particular, deixamos de ver o Brasil como um país

pequeno, impotente diante de seus desafios históricos. O Brasil se levantou sobre seus próprios pés.

O exemplo de ambos deverá servir sempre de inspiração e estímulo a vocês.

Muito obrigada e parabéns.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia em comemoração ao dia 21 de abril

Na ocasião, a Presidenta é homenageada com o Grande Colar, grau máximo da Medalha da Inconfidência

Ouro Preto-MG, 21 de abril de 2011

Boa tarde a todos nesta praça,

Senhor Antonio Anastasia, governador de Minas Gerais,

Senhor prefeito de Ouro Preto, Angelo Oswaldo, meu querido amigo,

Deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados e através dele, por meio dele, eu cumprimento os deputados federais aqui presentes,

Deputado Dinis Antônio Pinheiro, presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, por intermédio de quem cumprimento os demais deputados estaduais,

Ministros José Eduardo Cardozo, da Justiça,

Ana de Hollanda, da Cultura,

Alexandre Padilha, da Saúde,

Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão,

Fernando Bezerra, da Integração Nacional,

General José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional,

Senhor Alberto Pinto Coelho, vice-governador de Minas Gerais,

Senhor Desembargador Cláudio Renato dos Santos Costa, presidente

do Tribunal de Justiça de Minas Gerais,

General de Exército, Enzo Martins Peri, comandante do Exército Brasileiro,

Governadores Jaques Wagner, da Bahia,

Renato Casa Grande, do Espírito Santo,

Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte,

Querido senador, Clésio Andrade,

Senhor Márcio Lacerda, prefeito de Belo Horizonte, por intermédio de quem cumprimento os demais prefeitos presentes,

Senhor Leo Burguês, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte,

Dom Geraldo Lírio Rocha, presidente da CNBB,

Senhoras e senhores agraciados com a Medalha da Inconfidência, a quem saúdo de forma muito especial neste dia,

Senhoras e senhores,

Eu, como cidadã mineira e como Presidenta da República, queria agradecer a honra da medalha que aqui eu recebi neste dia e também é com emoção e com orgulho que essa medalha agora orna o meu peito, o Grande Colar da Inconfidência.

Agradeço ao povo do Estado de Minas Gerais e ao Governador Antonio Anastasia por este gesto que tem, para mim, a mais alta relevância simbólica.

Hoje, neste dia 21 de abril, uma das datas mais significativas da história das lutas pela emancipação política do Brasil, nos encontramos todos nesta praça. E este lugar onde nos encontramos, Ouro Preto, durante o dia de hoje tem a função de capital de Minas Gerais e o papel de coração libertário do Brasil.

A data e o local são próprios para uma reflexão sobre as nossas origens como país e sobre as perspectivas de nosso futuro como uma grande nação.

Ano após ano, sempre com a mesma emoção, nós, brasileiros, cumprimos um dever de honra: o de rendermos aqui, nestas Minas Gerais, aqui nesta antiga Vila Rica de Ouro Preto, uma homenagem. Uma homenagem à liberdade que conseguimos conquistar como país e como povo, construída sobre a base de exemplos históricos e de grandes sacrifícios.

Em 21 de abril de 1792, há 219 anos, Joaquim José da Silva Xavier, o nosso Tiradentes, foi executado por ter sonhado e lutado pela independência do Brasil.

O regime colonial quis punir de maneira exemplar, na pessoa de Tiradentes, a audácia dessa luta e desse sonho.

Ao prendê-lo, ao executá-lo, quis extinguir para sempre o ideal mineiro e brasileiro de emancipação.

Foi inútil. A revolta dos inconfidentes que eles sufocaram lançou para sempre a semente da liberdade no coração dos brasileiros.

A ânsia de justiça, a ânsia de liberdade, a ânsia de democracia corre nas veias dos mineiros. E não é por ser mineira que eu digo isso. O Brasil todo sabe que foi aqui em Minas Gerais, e mais especificamente aqui em Ouro Preto, que nasceu e se firmou o conceito de um país grande e soberano e que não se submeteria.

Tomás Antonio Gonzaga, poeta e inconfidente, estabeleceu para sempre as coordenadas – o endereço, por assim dizer – da liberdade no Brasil: “Toma de Minas a estrada; Na Igreja nova, que fica; Ao direito lado, e segue; Sempre firme a Vila Rica”.

A liberdade, pela qual Tiradentes sacrificou a própria vida, triunfou.

Pode não ser quando a gente espera, pode não ser quando a gente quer, pode ser tardia, mas a liberdade sempre vence. É o que diz a bandeira de Minas Gerais.

“Liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda.” Foi assim que a nossa grande poetisa Cecília Meireles definiu, no Romanceiro da Inconfidência, o ideal de Tiradentes e dos conjurados de Minas.

Esse ideal, que se traduz na tarefa de uma construção de um Brasil soberano e democrático, ele está vivo, inteiramente vivo. A tarefa, a que todos os brasileiros devem e se dedicam cotidianamente, ainda não está inteiramente concluída.

Foi Tancredo Neves, outro mineiro amado pelos brasileiros, quem disse uma vez, no Congresso Nacional: “Enquanto houver neste país um só homem sem trabalho, sem pão, sem teto e sem letras, toda a prosperidade será falsa”.

O Brasil só será próspero, efetivamente, quando não existir mais miséria em nosso país.

Por razões evidentes, a miséria inibe o exercício pleno da cidadania. O resgate da pobreza equivale também a uma verdadeira emancipação política.

Hoje, estamos crescendo, gerando emprego, distribuindo renda, tirando milhões de pessoas da pobreza extrema. Milhões de brasileiros e brasileiras estão vindo integrar o contingente dos cidadãos plenos. Daqueles que têm acesso desimpedido aos bens de consumo, à saúde, à educação e à cultura.

A grande transformação social, que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciou, e que continua acontecendo no Brasil, é um fator de efetiva ampliação dos direitos inerentes à cidadania.

Estamos conquistando um novo grau de amadurecimento da consciência cívica em um ambiente de crescente liberdade.

Os brasileiros e as brasileiras que, como eu, sofreram na pele os efeitos da privação da liberdade sabem o quanto a democracia institucional faz falta, quando desaparece.

Queremos a democracia em sua complexa inteireza. Uma democracia feita de eleitores e também de cidadãos plenos. Neste caminho se entrelaçam o desenvolvimento e a inclusão.

E temos orgulho de dizer: o Brasil é, hoje, uma das maiores democracias do mundo.

Somos um país de vocação pacífica e profundamente democrática, que valoriza o diálogo, a justiça e o respeito aos direitos humanos.

Um país que, cada vez mais, estimula e protege suas crianças e seus jovens que são o nosso melhor patrimônio, nossa melhor perspectiva de futuro.

Um país que tem uma matriz energética renovável, que tem as reservas monumentais do pré-sal e que tem reservas minerais extraordinárias.

Eu, mais uma vez, externo aqui o meu compromisso com o envio do marco regulatório do setor de mineração. Não é justo, nem tampouco contribui para o desenvolvimento do Brasil, que os recursos minerais do país sejam daqui tirados e não haja a devida compensação. Esta compensação é condição para que as nossas reservas naturais tenham um sentido que não se concentre na mão de poucos, mas se difunda por toda a sociedade.

O nosso país está se colocando de forma definitiva entre as nações mais desenvolvidas da comunidade internacional. É um país que tem uma matriz energética renovável, como eu já falei, que tem uma indústria dinâmica e uma economia das mais complexas e diversificadas.

Este país está se consolidando como uma sociedade próspera e fraterna, que busca a igualdade de oportunidades para todos.

Muito do que usufruímos hoje como país teve origem na coragem dos inconfidentes. Como ouvimos na homenagem de agora há pouco, essa coragem era compartilhada por mulheres de fibra como Bárbara Heliodora, Marília de Dirceu e Hipólita Jacinta.

Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira, que é a primeira poeta brasileira, é a inspiradora, é a “Bárbara Bela” do “norte estrela que meu destino sabes guiar” do poema de Alvarengo Peixoto, seu marido. Alvarenga Peixoto, poeta e conjurado, que morreu pouco depois no desterro. Assim como ela, Hipólita Jacinta, viúva do inconfidente Antônio de Oliveira Lopes, também ele preso e condenado ao degredo, teve papel ativo na Inconfidência.

Integra também o imaginário da conjuração mineira a figura de Maria Dorotéia, a Marília de Dirceu. Musa inspiradora de Tomás Antonio Gonzaga, Marília terá sua imagem sempre ligada à da inconfidência. As três mulheres abrem, no Brasil, o caminho da presença das mulheres nas lutas libertárias do nosso povo.

No dia de hoje, 21 de abril de 2011, estamos também dando um sepultamento definitivo, aqui no Panteão do Museu da Inconfidência, aos restos mortais de três dos heróis da conjuração mineira.

É com orgulho que pronuncio os nomes de cada um deles: José de Resende Costa, Domingos Vidal Barbosa e José [João] Dias da Mota. Esses três brasileiros do século XVIII foram brasileiros antes de o Brasil existir como nação e na história isso sempre acontece.

Eles foram exilados na África, em 1792, por haverem se atrevido a desejar um Brasil independente. Na nossa história muitos tiveram de se exilar por desejar também a liberdade e a democracia. Os três morreram no exílio e seus restos mortais foram restituídos ao Brasil em 1932.

Hoje, quando finalmente regressam a Ouro Preto, vamos ter presente que cada conquista do povo brasileiro é um reflexo do sonho dos inconfindentes.

É em nome deles, em nome de Tiradentes, que vamos continuar construindo uma nação cada vez mais próspera e cada vez mais justa. Em nome deles e do sopro secular de liberdade, que emana aqui de Minas e de Ouro Preto, que nós temos de saber responder à indagação de Cecília Meireles diante do sacrifício de Tiradentes: “De que alma é que vai ser feita essa humanidade nova?”, pergunta a nossa poetisa. Para que a gente possa dizer: da alma generosa de mineiros livres, de brasileiros livres, solidários e próximos. Essa é a resposta.

Muito obrigada a todos.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a 37ª Reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)

Na plenária são expostas as perspectivas da economia brasileiras para debate entre 90 representantes da sociedade civil entre empresários, sindicalistas, intelectuais e líderes de movimentos sociais

Palácio do Planalto, 26 de abril de 2011

Gostaria de cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer,

Cumprimentar o ministro Guido Mantega, da Fazenda, pela excelente exposição que ele realizou aqui hoje,

E também o nosso presidente... ministro presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, também pela excelente exposição,

E também os ministros presentes: Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio [Exterior]; Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; o Aloizio Mercadante, da Ciência e Tecnologia; Izabella Teixeira, do Meio Ambiente; José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional [da Presidência da República]; Luiz Sérgio, da Secretaria de Relações Institucionais [da Presidência da República]; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social [da Presidência da República]; Wellington Moreira Franco, da Secretaria de Assuntos Estratégicos [da Presidência da República] e o nosso secretário-executivo do Conselho; Luiza Helena de Bairros, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; Ideli Salvatti, da Pesca e Aquicultura; Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos [da Presidência da República],

Queria cumprimentar os conselheiros que fizeram uso da palavra: conselheiro Paulo Godoy, representando a Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base - Abdib; Humberto Mota, presidente da Associação Nacional das Empresas Concessionárias de Aeroportos Brasileiros [Associação Nacional de Concessionárias de Aeroportos Brasileiros]; Murillo de Aragão, presidente da Arko Advice Pesquisas; e o Artur Henrique, presidente da Central Única dos Trabalhadores,

E, em nome deles, cumprimentar todas as senhoras e senhores integrantes do Conselho,

Queria também dirigir um cumprimento às senhoras e aos senhores integrantes da delegação do Comité Económico e Social Europeu, aqui presentes,

E aos senhores e às senhoras jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos aqui presentes.

Esta é a primeira reunião plenária do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social que eu tenho a honra de participar. Ela inaugura a reunião deste Conselho dentro da minha... dentro do meu governo, do meu período de governo. E, mais uma vez, vou cumprimentar, aqui, o fato de que nós temos a presença de uma delegação estrangeira da União Europeia e, em especial, o senhor Staffan Nilsson, que é o presidente do Comité Económico e Social Europeu, o CESE.

Agradeço aos delegados que vieram aqui, e comemoro a presença dessa delegação porque eu considero muito importante que o Conselho possa ter esse tipo de troca de experiências.

O Conselho Econômico e Social, ele reflete a diversidade do nosso país. Nele estão reunidos representantes de trabalhadores, de empresários, de movimentos sociais, organizações não governamentais, igrejas e outros importantes setores da sociedade.

Desde a sua criação em 2003 pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o CDES formulou propostas concretas e discutiu com o governo como nós iríamos construir um país mais próspero e mais justo. E esse desafio, eu acredito que foi muito importante para o governo e para o CDES, porque, nesse período, o nosso país se beneficiou das contribuições que o CDES prestou.

E eu estou certa de que é importante a valorização deste Conselho como um órgão que possa permitir ao país ter esse contato entre governo e setores da sociedade. Daí porque eu assumo o compromisso de valorizar este espaço plural e democrático, e, sobretudo, fortalecer aqui também o debate dos caminhos e dos desafios que o país enfrenta.

Eu vou convocar todos os meus ministros e as minhas ministras para debaterem com vocês as proposições e as políticas mais importantes do governo. Eu não pretendo vir aqui comunicar essas políticas ou até divulgá-las. Trata-se, de fato, de levar a cabo um debate entre governo e os setores diferenciados da sociedade antes de esses programas ou projetos serem enviados ao Congresso Nacional.

Por isso, senhoras conselheiras e senhores conselheiros, eu gostaria de aproveitar a oportunidade e refletir e reiterar sobre algumas questões do momento econômico que o país vive hoje.

Nós todos aqui presentes sabemos que o Brasil passou e passa por um novo momento na sua história. Nós mudamos, de fato, os caminhos do desenvolvimento econômico. Quando nós assumimos, de uma forma muito especial, a convicção de que não havia contradição entre desenvolvimento econômico, distribuição de renda e inclusão social, nós mudamos os caminhos que o país tinha traçado até então. E, sobretudo, percebemos uma questão fundamental: como a força do nosso país, além de todas as suas capacidades e riquezas, advém do seu... da sua grande população, e, do ponto de vista econômico e social, do seu grande mercado. Isso significa que o Brasil não virou um país isolacionista, pelo contrário, o país, o Brasil se abriu para o mundo. Mas, ao mesmo tempo, se abriu para a sua população, para os seus consumidores, os seus trabalhadores e seus empreendedores.

Hoje nós vivemos um desafio bastante grande. Este Conselho nos ajudou a enfrentar a crise, em 2008; este Conselho nos ajudou a iniciar a recuperação, em 2009-2010. Eu tenho certeza de que este Conselho vai nos ajudar a consolidar a nossa recuperação e enfrentar os desafios colocados a nós, tanto pela conjuntura nacional como pela conjuntura internacional.

Coexistem neste momento, no mundo, velocidades diferentes e assimétricas, na recuperação dos países, após a maior das crises das últimas décadas. Restaram para as economias desenvolvidas, como mostrou o nosso ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, déficits gigantescos nas economias dos países desenvolvidos, nas economias centrais.

Os países emergentes que, é bom que se reconheça, sustentaram a dinâmica econômica no pior momento da crise, agora são pressionados por políticas de expansão intensa da liquidez internacional, geradora de desequilíbrios não só cambiais, mas, também, de desequilíbrios inflacionários. E isso é importante que nós tenhamos consciência e clareza: de desequilíbrios e pressões cambiais e inflacionárias, porque um afluxo deste nível que hoje o mundo experimenta, de liquidez sobre as economias em desenvolvimento, significa, necessariamente – como também foi mostrado aqui hoje – uma grande pressão sobre o valor de todos os ativos e uma expansão absolutamente desenfreada do crédito e uma pressão monetária sobre as economias em desenvolvimento.

Além dessas pressões internacionais, hoje, nós sabemos também – e não vamos esconder esse fato – que a nossa inflação subiu devido a choques internos adversos na produção de bens importantes, como alimentos in natura e etanol. Apesar dessas causas diversas, todo aumento da inflação vai exigir que o governo tenha uma atenção bastante especial sobre as suas fontes e causas. Então, eu quero dizer a este Conselho: o meu governo está, diuturnamente, e até noturnamente, atento a todas as pressões inflacionárias, venham de onde vierem, e fazendo permanente análise delas.

Nós, nesse início de ano, já tivemos várias iniciativas para reduzir a inflação: adotamos medidas de controle da expansão do crédito, de controle da expansão fiscal por meio do aumento no resultado primário e o Banco Central elevou as taxas de juros. O impacto dessas medidas – de cada uma delas – ainda não se fez sentir plenamente e completamente. É preciso, portanto, ter responsabilidade e serenidade na condução da política econômica. Nós estamos monitorando, como eu disse, a evolução da economia, e estamos prontos para tomar as medidas sempre que for necessário.

Eu tenho o compromisso – e assumi desde o primeiro momento, no meu discurso de posse e ao longo da minha campanha – com o controle da inflação, pois sem ele não há desenvolvimento sustentável. E eu cumpro meus compromissos.

Eu também tenho compromisso com o crescimento econômico e social, pois isso é que gera empregos e possibilita a inclusão de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras na condição de cidadãos plenos, e eu cumpro os meus compromissos.

Compreendo, portanto, que alguns tenham dúvidas a respeito. Compreendo quando setores da sociedade, no calor do debate econômico, duvidem de tudo, cobrem diariamente novas medidas, insistem na ação cotidiana e na cobrança de novas e novas medidas contra tal ou qual desequilíbrio. Mas compreender o calor e a paixão que envolvem normalmente o debate, não pode significar, para o governo, aquecê-lo mais do que é necessário. Trataremos sempre com serenidade e segurança as medidas e ações necessárias, todas as medidas e ações que se fizerem necessárias. Não nos furtaremos de colocar em ação todas as medidas, e aí eu repito, todas as medidas que julgarmos necessárias e urgentes.

Sabemos que muitos dos problemas que vivemos hoje e que temos o compromisso de enfrentar e resolver podem ser chamados de bons problemas. Por exemplo: os aeroportos que temos de expandir estão cheios porque o aumento das viagens aéreas supera, em muito, o crescimento do país. Isso não significa que nós não temos a consciência e a dedicação necessárias para resolver esse problema. Pelo contrário, o fato de ele resultar do crescimento da demanda do país exige, não que eles estejam prontos para a Copa ou para as Olimpíadas, mas que eles estejam prontos para atender o crescimento da imensa demanda da população brasileira por viagens de avião, devido à extraordinária melhoria da sua renda.

É isso que faz com que nós não estejamos olhando os aeroportos só como uma questão relativa à Copa e às Olimpíadas. Eles são muito importantes para a Copa e as Olimpíadas, e quando nós olharmos o curto prazo dos aeroportos, nós também estaremos fazendo o planejamento de médio e longo prazo deles, para além da Copa e das Olimpíadas.

Hoje nós sabemos – voltando aos problemas, aos bons problemas – que há pressão de mão de obra porque vivemos próximos do pleno emprego. Há problemas de conflitos nas grandes obras, porque elas voltaram a existir, depois de muitos anos, em que o país não sabia o que era construir uma grande usina ou uma ferrovia importante. Mas, por isso nós não ficaremos passivos, olhando os problemas, vamos enfrentá-los. E isto significa enfrentá-los especificamente, em cada obra, cada acontecimento, mas significa também a preocupação do governo com a melhoria e a capacitação dos seus trabalhadores e trabalhadoras. Por isso, nós iremos lançar, nos próximos dias, o Programa Nacional de Ensino Técnico e Capacitação Profissional, porque ele faz parte do processo de solução dos desafios que se colocam para a formação da mão de obra brasileira.

E aqui eu faço um parêntese, e queria informar ao Conselho que o governo, dentro de uma grande preocupação, não só com a capacitação profissional, e não só com o ensino médio profissionalizante, o governo tem também uma grande preocupação com a formação de estudantes capacitados para virarem os nossos futuros cientistas. E, aí, vamos recorrer a um mecanismo que vários países do mundo recorreram, que é enviar brasileiros e brasileiras para fazer, ou de forma parcial, ou de forma completa, cursos no exterior, nas áreas de Ciências, sobretudo de Ciências Exatas. E, aí, eu queria informar ao Conselho que o governo tem a disposição de, até 2014, chegar a lançar 75 mil bolsas de estudos para financiar a presença desses nossos estudantes no exterior.

E queria fazer um convite e um desafio aos senhores: eu acredito que o setor privado pode comparecer com uma ajuda aos estudantes brasileiros e ao Brasil, de forma que nos permita chegar a 100 mil bolsas em 2014. É um desafio que eu queria chamar a cada um e a cada uma aqui presente, para que nós possamos assegurar que, junto com o desenvolvimento das nossas instituições brasileiras de ensino, tenhamos também a capacidade de levar esse intercâmbio com o resto dos países do mundo.

Continuando: nós também temos pressões e demandas que temos de controlar, porque a nossa renda cresceu e milhões de famílias, finalmente, alcançaram o mercado de consumo. São problemas [que], sem dúvida, precisam ser reconhecidos e enfrentados. E, muitas vezes, a solução desses problemas conduzem a soluções também para o próprio país e para a qualidade do seu desenvolvimento.

Por isso, é sempre melhor enfrentar os problemas do crescimento do que os problemas do desemprego, da falta de renda, da falta de investimento e da depressão econômica. Queremos e faremos todos os esforços para que todos eles, esses problemas a que eu me referi, fiquem no nosso passado, tanto o desemprego como a falta de renda, a falta de investimentos e a depressão econômica.

O futuro, o nosso futuro, é de desafios para o crescimento, é de serenidade no enfrentamento dos desequilíbrios que sempre nos desafiarão. Mas é de otimismo, como um país que aprendeu a se respeitar e a se fazer respeitado, de um país que aumentou sua autoestima e descobriu que sua maior força é seu povo trabalhador e seu empreendedor.

Para mim e, como vocês já notaram, para o símbolo do meu governo – “País rico é país sem pobreza” – o Programa de Erradicação da Pobreza, que nós também lançaremos nas próximas semanas, é uma questão essencial. É essencial que o país resolva a questão da sua extrema pobreza. Nós fizemos um grande esforço, junto com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no sentido de aproveitar o Censo para termos uma ideia focalizada de quem são e onde estão, e quais são as características dos pobres, dos imensamente pobres do nosso país. Porque nós acreditamos que assegurando transferência de renda e inclusão produtiva, garantindo acesso público e a infraestrutura social, nós temos o desafio de colocar na pauta do Brasil, e este Conselho, eu acho que é o fórum adequado, de colocar na pauta do Brasil através de todos os mecanismos a erradicação da pobreza extrema no nosso país. Quando nós conseguiremos erradicá-las, depende do esforço que todos nós colocarmos nessa missão e nessa tarefa. Daí, porque, eu tenho certeza que este Conselho tem um papel muito importante a desempenhar nesta área.

Nós sabemos também que o Brasil avançou muito, nós sabemos que nós temos toda uma população que entrou na classe média para atender e para levar a um processo de integração produtiva que eu chamaria também de educativa no Brasil. E essa nova população de classe média, ela é sem sombra de dúvidas uma das grandes conquistas e uma das maiores heranças e melhores heranças que eu tenho do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Porque produzir para um país com 190 milhões de pessoas é, eu acredito, não só o grande desafio, mas a grande conquista de um país continental, com uma população bastante expressiva e que tem hoje uma situação de uma janela etária. Um momento especial em que nós

temos um grande fator de competição e de competitividade, em que nós temos uma população trabalhadora maior que a população que está dependente, em idade de necessitar do restante.

E eu queria voltar a reiterar, porque nós avançamos muito, porque nós chegamos até aqui é que eu me preocupo com a questão do crescimento econômico e do controle da inflação simultaneamente. O que garante a estabilidade da inflação no longo prazo é o aumento do investimento e da produtividade, é o aumento da capacidade produtiva que vai permitir que o Brasil tenha no futuro uma inflação estável.

E o que permite que o Brasil cresça no curto prazo é o controle dos processos inflacionários que corrói a renda da população. Nesse sentido é que eu orientei as ações da política econômica, tanto para a inflação no curto prazo como para as medidas de longo prazo.

E na área da infraestrutura eu quero reiterar: nós iremos conduzir todos os processos de investimento que levamos até aqui – o PAC, o Minha Casa, Minha Vida e todos os projetos de investimento e crescimento econômico.

Além disso, nós vamos prosseguir com a agenda do nosso ajuste ou consolidação fiscal através de mecanismos que não eram usuais no Brasil, e, por isso, para mim é muito importante a agenda da competitividade. Sendo que nos próximos dias o governo vai lançar o fórum de gestão e competitividade. Espero ver alguns de vocês nesse fórum. Com ele, nós iremos contribuir para que haja uma melhoria, um aggiornamento, um verdadeiro aggiornamento do Estado brasileiro às exigências que a conjuntura econômica, tanto no curto e no médio prazo, exigem do país.

Vamos prosseguir também nos próximos meses com medidas de reforma tributária, para agilizar devolução de crédito, beneficiar micro e pequenas empresas, estimular exportações e investimentos, diminuir a guerra fiscal e aumentar os empregos formais.

Conto com o CDES para debater e aprimorar todas essas iniciativas estruturais, conjunturais. E isso significa nos ajudar a acompanhar e aperfeiçoar a nossa política econômica.

No que depender de mim como presidenta da República, vocês podem ter a certeza de que eu terei uma relação qualificada com este Conselho. Ele será um espaço privilegiado para que nós possamos continuar desenvolvendo de forma sustentável o nosso país.

Muito Obrigada!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego

O objetivo do Programa é expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos técnicos e profissionais de nível médio e de cursos de formação inicial e continuada para trabalhadores

Palácio do Planalto, 28 de abril de 2011

Senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

Senhora Vanda Pignato, primeira-dama da República de El Salvador,

Senhores ministros de El Salvador: Carlos Cáceres, da Fazenda, e Manuel Melgar, da Justiça e Segurança Pública,

Senhor Agnelo Queiroz, governador do Distrito Federal,

Senhoras e senhores ministros de Estado: Antônio Palocci, da Casa Civil; Guido Mantega, da Fazenda; Fernando Haddad, da Educação; Ana de Hollanda, da Cultura; Carlos Roberto Lupi, do Trabalho e Emprego; Garibaldi Alves, da Previdência Social; Alexandre Padilha, da Saúde; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Orlando Silva, do Esporte; Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral; Luiz Sérgio, da Secretaria de Relações Institucionais; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; e Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos.

Senhoras e senhores senadores e senadoras Marta Suplicy, Gleisi Hoffman, Inácio Arruda, José Pimentel, Angela Portela e Ana Rita.

Deputados... Deputado Marçal Filho, presidente da Frente Parlamentar de Apoio ao Ensino Técnico e Profissionalizante, por intermédio de quem saúdo todos os deputados federais aqui presentes.

Senhor Robson de Andrade, presidente da CNI, por intermédio de quem saúdo os representantes de entidades patronais e a quem agradeço pela parceria no Pronatec.

Senhores representantes de entidades sindicais,

Meus caros estudantes do Sesi, do Senai, do Instituto Federal de Brasília,

Senhoras e senhores,

Graças a tudo que nós construímos conjuntamente, nos últimos anos, nosso país se encontra diante de uma perspectiva muito importante para cada um de nós, que é a de um vigoroso e duradouro processo de desenvolvimento. Nós passamos a ocupar

o posto de 7ª economia do mundo, e alcançamos algumas mudanças que, eu tenho certeza, são irreversíveis. E os desafios que nós temos de enfrentar, temos a obrigação de enfrentar, eles decorrem justamente dessa característica de termos obtido várias conquistas ao longo desse processo.

Estamos, hoje, próximos do pleno emprego e enfrentamos grande demanda de mão de obra qualificada. Demanda, muitas vezes, assimétrica porque, em alguns casos, falta mão de obra qualificada, em outros, sobra mão de obra sem a qualificação necessária derivada das nossas necessidades, da indústria, do comércio, dos serviços, enfim, do sistema produtivo.

O sistema de capacitação profissional brasileiro já não corresponde às necessidades do país e às dimensões de nossa economia. Ele é fruto de um outro período do desenvolvimento econômico do nosso país. Por isso, ele se tornou um desafio. Um desafio à nossa capacidade de crescimento e, por isso mesmo, tem de ser enfrentado de maneira direta e muito articulada.

Nesse sentido, eu lanço hoje aqui o Pronatec, Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego. Por um lado, o Pronatec, ele vai democratizar, como o Fernando Haddad, ministro da Educação, mostrou, a oferta de cursos de educação profissional de nível médio. Vai qualificar o nosso nível médio de ensino e elevar a qualidade dessa modalidade de ensino em todo o Brasil.

Se nós quisermos nos transformar em um país que agrega valor, nós temos de focar na qualidade do nosso trabalhador, seja ele trabalhador com ensino técnico regular derivado das escolas de ensino médio, seja ele um profissional capacitado nos institutos federais de educação tecnológica, seja ele fruto das universidades ou, pura e simplesmente, formado na vida diária do trabalho. Fazê-lo, se transforma no nosso desafio mais importante, quando se trata de discutir a qualidade da Educação. Por isso, nós vamos ampliar a rede de escolas técnicas do governo federal, continuar ampliando aquilo que o presidente Lula, com muito orgulho, dizia: que nós tínhamos conseguido, em oito anos, fazer mais do que ao longo de 100 anos. Nós vamos, além disso, financiar a expansão da rede dos serviços nacionais de aprendizado do Sistema "S", integrado pelo Senai, Senac, Senap, Senar e Sescop.

Vamos conceder bolsas-formação para jovens estudantes e trabalhadores, certos de que é importante dar também iniciativa ao trabalhador ou ao estudante que precisa de ensino técnico, fazendo com que ele escolha a escola de sua preferência. Necessariamente, escolas devidamente cadastradas e de qualidade.

Vamos ampliar o financiamento, o Fies, que passará a beneficiar também os estudantes da educação profissional e tecnológica. Haverá também integração entre o Pronatec e o Bolsa Família, basicamente, assegurando às pessoas que recebem Bolsa Família, às mulheres e homens deste país que recebem Bolsa Família, a oportunidade de uma formação profissional, de uma capacitação profissional.

O Pronatec vai, portanto, ser um fator de organização da oferta de formação e capacitação profissional para todos os brasileiros e brasileiras. Esse programa, ele vai além da esfera do ensino médio e inclui diferentes vertentes de aprimoramento dos trabalhadores ativos e de articulação com o mercado de trabalho. Ele fará, e é o

que nós queremos, pelo ensino médio, o que o Prouni fez e vem fazendo pela educação superior.

Além dos estudantes, o Pronatec beneficiará diretamente os trabalhadores. Falo dos homens e das mulheres que começaram a trabalhar desde muito cedo; falo de homens e mulheres que não tiveram a oportunidade de se qualificar; e falo também daqueles que hoje, com o avanço das técnicas e do desenvolvimento de nosso país, precisam urgentemente de se requalificar.

Faço hoje este lançamento para homenagear todas as trabalhadoras e trabalhadores do nosso país, nas vésperas do 1º de maio, Dia do Trabalhador, quando vamos nos reunir para festejar nossas vitórias e fortalecer ainda mais o ânimo de lutar por um Brasil cada vez melhor.

O lançamento do Pronatec constitui o cumprimento de um compromisso meu de campanha. No discurso de posse, afirmei que a erradicação da miséria e a luta pela qualidade da Educação teriam prioridade absoluta no governo. Por essa razão é que estamos aqui neste momento promovendo as condições para que nós possamos dar um salto de qualidade na valorização de nosso potencial humano.

Como bem explicou o Haddad, o Pronatec é um conjunto de ações integradas, cujos resultados serão concretizados a curto, médio e longo prazo. Representa uma oportunidade efetiva para que todos os setores da sociedade se engajem cada vez mais nesse processo paulatino de transformação da Educação e da formação profissional no Brasil. Vamos nos empenhar em um esforço conjunto: a coordenação entre o governo federal, os governos dos estados e municípios, o setor empresarial e os trabalhadores – e seus sindicatos e representações – será a melhor garantia para o êxito do Pronatec.

Ao complementarmos amplamente o ensino médio com o ensino técnico, e ao oferecermos melhor qualificação aos trabalhadores – inclusive àqueles que utilizam com mais frequência o Seguro Desemprego – estaremos superando um desafio estrutural e permitindo que nosso país continue a crescer de forma sustentável e saudável. A qualificação educacional e profissional é o nosso desafio nestes quatro anos de governo.

Além do Pronatec, outras medidas ampliam e melhoram as ações que já estão em andamento e vêm contribuindo para mudar a realidade da nossa educação. Sabemos que a valorização do ensino profissionalizante, iniciada pela presidente Lula, é um fato concreto. O país conta hoje com uma rede articulada de escolas de primeiríssima qualidade e nós expandiremos e valorizaremos, e muito, essa rede. Até o final deste ano vamos inaugurar 46 escolas federais; no próximo ano serão mais 35 escolas. Ao todo serão 197... duzentas novas escolas, até 2014.

Somam-se a isso outras duas iniciativas: o Brasil Profissionalizado, que financia a construção e a reforma de escolas técnicas nos estados. E, como disse o Fernando Haddad, a Escola Técnica Aberta do Brasil, a e-Tec. O conjunto dessas iniciativas permitirá ao Brasil mudar a escala e a qualidade da formação profissional. Até 2014, o Programa vai gerar 8 milhões de novas oportunidades de formação profissional para jovens trabalhadoras e para jovens do ensino médio.

Essa iniciativa se associa a um outro Programa, ao Programa de Ensino no Exterior, que fornecerá, durante meu governo, bolsas de estudo para 75 mil jovens. Para completar esse Programa estou pedindo apoio a empresas privadas no fornecimento de mais 25 mil bolsas, permitindo que, até o final de 2014, 100 mil jovens ampliem ainda mais sua formação e seu horizonte. A proposta é uma parceria entre o setor público e o setor privado. Nós entramos com 2/3 das bolsas e o setor privado entraria com o financiamento de 1/3 dessas bolsas.

Acreditamos – e acredito eu – que o setor privado terá a sensibilidade para fazer com que o Brasil dê um salto nessa área. Todos os países que se desenvolveram, do ponto de vista científico e tecnológico, tiveram uma política de formação de jovens no exterior, todos, sem exceção. O que nós queremos é mudar o patamar e a dimensão dessa formação que hoje é muito tímido. Por isso, essas 100 mil bolsas, o que nós esperamos delas é que nós vamos dotar os nossos jovens das melhores capacidades e do melhor conhecimento disponível nas grandes universidades do resto do mundo.

Estou encaminhando hoje ao Congresso Nacional, em caráter de urgência constitucional, o projeto de lei que institui o Pronatec. Conto com os parlamentares, com o Congresso brasileiro, para a rápida implementação desse Programa tão essencial aos jovens e, sobretudo, tão essencial ao Brasil e aos seus trabalhadores.

Nosso país aprendeu a se respeitar e a se fazer respeitar internacionalmente. A chave para isso foi descobrir que a nossa maior força é a força do nosso povo determinado e trabalhador. Quero compartilhar esse desafio: vamos continuar a trabalhar juntos para que os desequilíbrios que nós temos pela frente sejam todos enfrentados com objetividade e otimismo. Um país, que é o país que nós desejamos, que seja um país onde não exista miséria, mas que, sobretudo, seja um país onde as oportunidades existam para todos os brasileiros e as brasileiras. Um país desenvolvido e justo, do tamanho daquilo que cada um de nós fizemos por ele.

Muito obrigada.

Pronunciamento à nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV sobre o Dia do Trabalho

Presidenta falou sobre o crescimento do emprego e da renda, com economia sólida

Brasília-DF, 29 de abril de 2011

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Mais uma vez o Brasil vai festejar o 1º de Maio da forma como este dia deve ser comemorado: com crescimento do emprego e da renda, com economia sólida, e pleno de esperança no futuro. Isso porque, na medida em que o emprego e o salário aumentam, a desigualdade diminui e o país continua avançando sem retrocessos.

Mesmo os brasileiros que mais precisam de apoio sentem que dias melhores estão chegando. E há motivos concretos para esta esperança porque, no Brasil, estabilidade, crescimento e distribuição de renda, combate à inflação e, principalmente, combate à miséria são, de fato, políticas permanentes; porque, no Brasil, respeito à democracia, aos direitos humanos e às liberdades – entre elas a liberdade sindical – são compromissos sagrados.

No nosso país, a balança da justiça social está mais próxima do seu ponto de equilíbrio, mas os pratos desta balança só estarão plenamente equilibrados quando houver menos peso sobre os pobres e sobre a classe média. Este dia - tenham certeza - nós todos vamos ver chegar. Na verdade, muitas coisas já estamos vendo acontecer.

Com orgulho, nós, brasileiros, já vemos que nosso país se firma não apenas como uma das principais economias do planeta, mas, também, como o criador de um modelo de políticas sociais modernas, que ajuda a consolidar uma das maiores democracias do mundo atual. Vemos que o Brasil começa a realizar uma parte do grande sonho brasileiro, o sonho dos nossos poetas, pensadores e visionários; o sonho de um país independente, tolerante, fiel aos valores morais e símbolo de trabalho, alegria e fraternidade para o mundo. É hora de ampliarmos este sonho e, para isso, precisamos vencer vários desafios.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

O crescimento traz inúmeros desafios. Um deles é formar mão de obra especializada para suprir a oferta de emprego qualificado. Outro desafio é melhorar a infraestrutura, para que esse crescimento flua mais rapidamente. Um outro é crescer de forma harmônica e sustentável, sem gerar inflação ou outros tipos de desequilíbrio. Mas o maior de todos os desafios é não deixar milhões de brasileiros fora dessa era de prosperidade que se amplia e se consolida.

Feliz de um país que tem desafios gerados pelo crescimento, no momento em que grande parte do mundo vive a estagnação e o desemprego. Feliz de um país que

está alerta e tem instrumentos para responder, sem titubear, a cada um desses desafios.

Para ajudar a qualificar nossos jovens e trabalhadores, lançamos ontem o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – o Pronatec – cuja meta é capacitar para o trabalho aproximadamente oito milhões de brasileiros nos próximos quatro anos. Mais que um programa educacional, quero que o Pronatec seja uma usina de oportunidades. Ele vai beneficiar estudantes do ensino médio; vai ajudar trabalhadores desempregados a recomeçarem a vida profissional; e vai abrir as portas do mercado de trabalho para que milhares de brasileiros possam deixar mais rápido o Bolsa Família.

Para isso, entre outras coisas, vamos ampliar a rede federal de educação profissionalizante, criando mais 200 novas escolas técnicas federais, e vamos apoiar fortemente as redes estaduais. Em paralelo, vamos reforçar o Sistema S – por exemplo, as escolas e cursos do Senai e do Senac.

O Pronatec é ferramenta de construção do futuro, mas seus resultados serão percebidos imediatamente.

Vale destacar uma novidade: a partir de agora, as empresas que desejarem, receberão empréstimos do governo, com juros baixos, para custear cursos de formação para seus empregados.

Neste grande esforço de qualificação de mão de obra, vamos também lançar um programa de bolsas para estudantes brasileiros nos exterior. Nossa meta é oferecer, nos próximos quatro anos, pelo menos 75 mil bolsas de estudos, em universidades estrangeiras de qualidade.

São programas que beneficiarão tanto os mais pobres como os filhos da classe média, que cresce vigorosa em nosso país. São iniciativas que demonstram o compromisso especial que nosso governo tem com os pobres e com a classe média. Com os pobres, para garantir que subam na vida; com a classe média, para garantir que seu padrão de vida melhore ainda mais.

Trabalhadoras e trabalhadores,

O crescimento do emprego e da renda é uma realidade concreta nesse novo Brasil que juntos estamos construindo. Estamos criando uma média de 195 mil novos empregos por mês, e a massa de salários teve um ganho real de 6,7% nos últimos 12 meses.

Tão importante quanto garantir o emprego é garantir o poder de compra do salário, para que o trabalhador e a trabalhadora possam colocar boa comida na mesa, comprar sua geladeira nova, sua televisão e o seu carrinho. Garantir o poder de compra do salário significa jogar duro contra a inflação. Esse é um dos fundamentos da nossa política econômica, e dele jamais abriremos mão. Estamos, por exemplo, melhorando a qualidade do gasto público, com o desafio de fazer mais e melhor com menos recursos.

Estamos trabalhando para resolver problemas estruturais como os gargalos de infraestrutura e as distorções no sistema tributário, que aumentam nossos custos de produção.

Estamos também incentivando o aumento de investimento e a competitividade do nosso setor produtivo, tanto da indústria como no campo. Ou seja, estamos atentos aos mínimos detalhes da economia e buscando, na hora certa, soluções para os problemas.

Por isso, tenha a certeza: assim como fomos um dos países que melhor reagiu à crise financeira internacional, estamos preparados para enfrentar as pressões inflacionárias que rondam, no momento, a economia mundial.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Nada vai conseguir deter a marcha harmônica do Brasil para o futuro. Nossos grandes programas de infraestrutura econômica, como o PAC, e de infraestrutura social, como o Minha Casa, Minha Vida, seguirão sem interrupções. Eles serão aperfeiçoados, ampliados e complementados por novos programas, alguns já lançados, outros em fase de lançamento. Porém, a mais desafiadora meta, que o Brasil ainda está por alcançar, é o fim da miséria, a erradicação da pobreza extrema.

Por isso, neste 1º de Maio, quando renovo o compromisso com vocês, trabalhadores brasileiros, de continuar a política de valorização do salário mínimo e de manter e ampliar suas conquistas trabalhistas, digo também que é a hora de olharmos com um carinho todo especial para nossos irmãos que ainda não entraram no mercado de trabalho.

Convoco todos os brasileiros, sem exceção, para vencermos juntos a batalha contra a miséria. Essa é uma grande bandeira do meu governo. Nas próximas semanas, daremos um passo importante para concretizá-la com o lançamento do programa Brasil sem Miséria. Ele vai articular e integrar novos e antigos programas sociais, ampliar recursos e oportunidades e, muito especialmente, mobilizar todos os setores da sociedade para a luta decisiva de acabar com a pobreza extrema em nosso país.

O Brasil já é um país grande, de povo forte e economia pujante, mas só seremos um país verdadeiramente rico e feliz quando formos um país sem pobreza com as famílias podendo subir na vida.

O Brasil vai realizar esse grande sonho coletivo e ele vai concretizar os sonhos de milhões de brasileiros que ainda esperam por uma chance na margem do caminho. Essa estrada é de todos e vamos trilhá-la bem juntos.

Viva o 1º de Maio! Viva o trabalho! Viva o trabalhador brasileiro!